

GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO E SECRETARIA DE CULTURA E ECONOMIA CRIATIVA

Notas **12**
de biblioteca

medi
AÇÃO  CULTURA,
LEITURA E
TERRITÓRIO

Notas 12
de biblioteca

medi
AÇÃO | CULTURA,
LEITURA E
TERRITÓRIO

Ficha catalográfica elaborada pela
Biblioteca de São Paulo

Mediação: cultura, leitura e território / Marilena, Nakano; Paulo Endo; Eliana, Yunes... [et al.] ilustração de Fernando César Siniscalchi. São Paulo: Secretaria de Cultura e Economia Criativa do Estado de São Paulo, Unidade de Difusão Cultural Bibliotecas e Leitura, SP Leituras 2019.

80 p. : il. (Notas de biblioteca; 12)

1. Formação de Leitores. 2. Mediação 3. Bibliotecas públicas – Brasil. I Nakano, Marilena II. Endo, Paulo III. Yunes, Eliana.

CDD 020.4

Índices para o catálogo sistemático

1. Bibliotecas 020
2. Bibliotecas Públicas 020.4



APRESENTAÇÃO

Quem atua na área do livro, leitura e biblioteca está acostumado com o termo "mediação", geralmente associado às práticas de leitura. Faz parte do cotidiano de educadores, bibliotecários, profissionais de bibliotecas, assistentes sociais e gestores culturais. Entretanto, o olhar raso e a escuta simplificada pelos apressamentos do dia a dia limitam a percepção da complexidade da palavra, reduzindo-a ao conceito mais imediato. Nesse empobrecimento, perde-se a riqueza subjacente no ambiente cultural e territorial em que vivemos.

O lugar em que pisamos em nosso constante ir e vir tem uma cultura ancestral sedimentada pela humanização da paisagem durante o processo de transformação do espaço natural em espaço geográfico. É o resultado da acumulação desigual de tempos históricos, conforme ensinou Milton Santos. O território onde interagimos com nossos contemporâneos tem identidade, memória e saberes que se consolidam para permanecer vivos de geração

em geração. É o que designamos amplamente como cultura, onde a mediação se faz urgente e necessária para ser assimilada, ainda que parcialmente, em sua inesgotável complexidade.

A motivação para realizar o workshop *Mediação – Cultura, Leitura e Território* foi a de alargar a percepção das inúmeras possibilidades para identificar, reconhecer e valorizar a cultura dos territórios e seus múltiplos modos de expressão. As ações de leitura, invariavelmente presentes em nosso cotidiano, são pontos de partida para expandir a compreensão dos valores culturais que trazemos em nós, que justificam nosso modo de viver e afetam a realidade que nos cerca. Mas podemos ir além.

A iniciativa da Secretaria de Cultura e Economia Criativa do Estado de São Paulo, realizada entre os dias 22 e 26 de outubro de 2018, no auditório da Biblioteca de São Paulo, sob coordenação e execução da SP Leituras – Associação Paulista de Bibliotecas e Leitura, em parceria com o Instituto Emília, reuniu renomados acadêmicos e profissionais especializados para apresentar as diferentes facetas da mediação cultural, social e literária – incluindo suas imbricações com o direito à literatura, à liberdade de expressão e à preservação da memória – como recursos de resistência ao apagamento da história.

Além de 23 convidados, cerca de 50 participantes vindos de diversas regiões do estado enriqueceram a programação, que incluiu palestras, mesas-redondas e intensos debates durante cinco dias.

Para compartilhar essas informações com outros profissionais e usuários das bibliotecas vinculadas ao Sistema Estadual de Bibliotecas Públicas de São Paulo (SisEB), esta publicação apresenta textos especialmente escritos por quatro dos palestrantes do workshop. O texto de abertura é o relato de uma das educadoras que atua voluntariamente na formação de uma rede municipal de pequenas bibliotecas em Santo André (SP).

Esta publicação é a forma que encontramos para ampliar o território das nossas ações, fazendo mediação cultural pela leitura. Esperamos que as ideias aqui apresentadas surpreendam e motivem os leitores a empreender ações de mediação cultural inovadoras em seus territórios.

UNIDADE DE DIFUSÃO CULTURAL,
BIBLIOTECAS E LEITURA
SECRETARIA DE CULTURA E ECONOMIA
CRIATIVA DO ESTADO DE SÃO PAULO



ÍNDICE

9

MARILENA NAKANO

Diálogos sobre "Mediação:
cultura, leitura e território"



21

PAULO ENDO

Memória, memoriais
e o futuro das democracias



33

ELIANA YUNES

A leitura e a literatura
como direitos e
princípios de cidadania



47

MARÍA EMILIA LÓPEZ

Mediação e
formação de leitores



63

BEL SANTOS MAYER

A contribuição das bibliotecas
comunitárias para um país
de leitores(as)



POR MEIO DA LITERATURA
O MEU UNIVERSO SE ALARGOU

CULTURA

Leitura

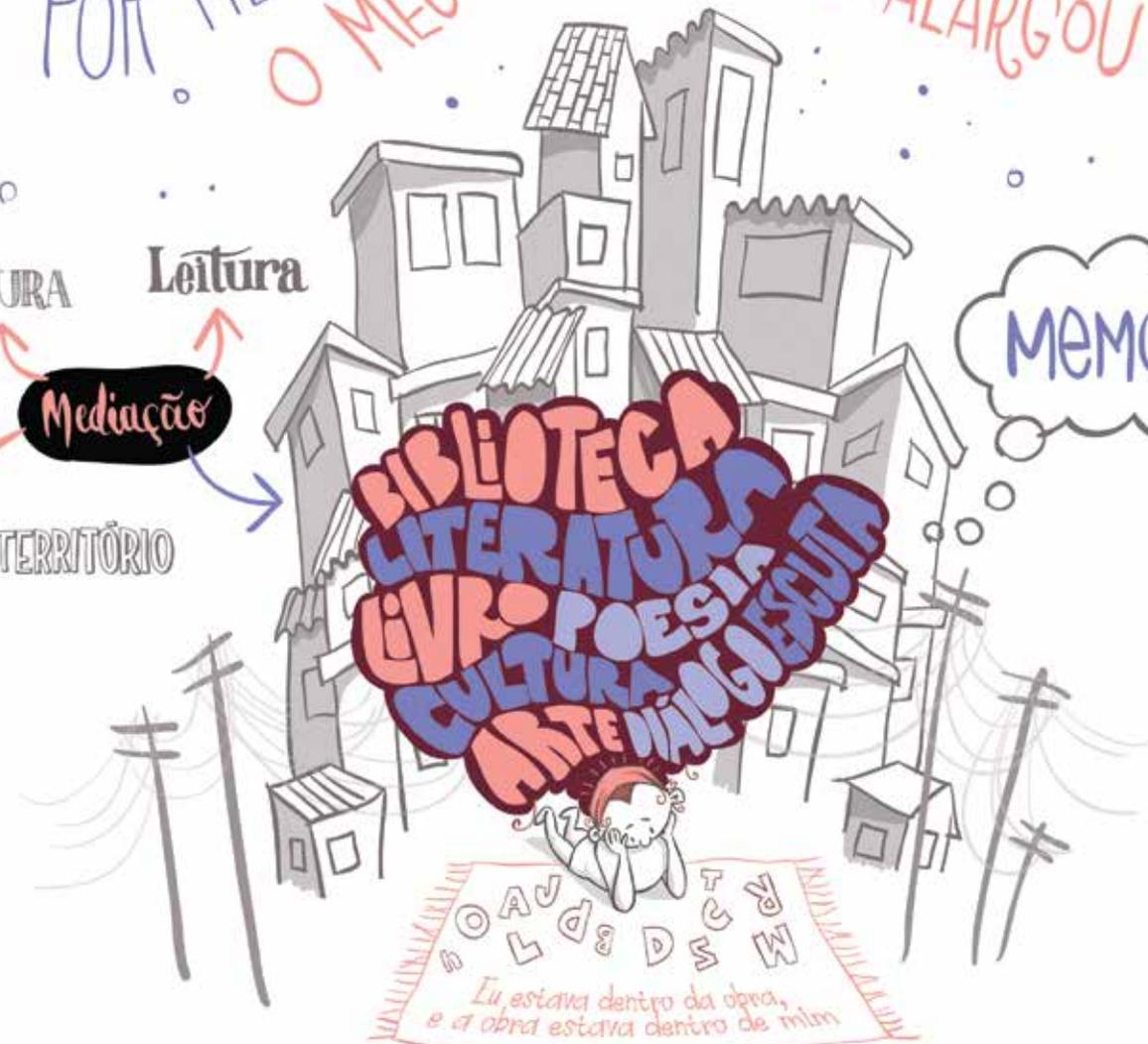
Mediações

TERRITÓRIO

MEMÓRIA

BIBLIOTECA
LITERATURA
LIVRO POESIA
CULTURA GÊNERO

Eu estava dentro da obra,
e a obra estava dentro de mim



DIÁLOGOS SOBRE “MEDIAÇÃO: CULTURA, LEITURA E TERRITÓRIO”

MARILENA NAKANO

O meu compromisso e envolvimento com oito pequenas bibliotecas vivas em territórios vulneráveis de Santo André me aproxima do tema “Mediação: cultura, leitura e território”. Aprendi muito com cada um dos autores dos textos que se encontram nesta publicação.

Suas palavras talvez possam se constituir em pontes entre uma margem e outra do rio. Elas operaram isso em mim. Qual margem? Não sei. Aquela de cada um. Aquela que a poesia for capaz de expressar. Não há margem definitiva, com contornos claramente definidos. No campo da mediação há um lado, outro, muitos lados. No meio, um rio. Conforme escreve Odilon Moraes em seu belo livro *Rosa*: “Atravessamos de uma margem a outra, oscilando entre o tempo das palavras e o das imagens. Cabe a nós alcançar a terceira margem”. (MORAES, 2017, quarta capa)

Meu percurso em busca da terceira margem se inicia com as reflexões sobre o território, um dos elementos da tríade que compõe a mediação. Quando saio de casa e sigo para uma das bibliotecas que acompanho, não a alcanço sem passar

pelo território. Território vulnerável. Um ônibus me aperta na rua estreita, uma pessoa carrega um botijão de gás numa carriola, crianças brincam sozinhas na rua, barracos pendurados no morro, um emaranhado de fios elétricos.

Não me autorizo a entrar na biblioteca ignorando a vida que pulsa nesse território. No processo de

**QUANTAS
HISTÓRIAS DE
TERRITÓRIOS
ABANDONADOS
PELO PODER
PÚBLICO,
DE PESSOAS
TAMBÉM DEIXADAS
DE LADO [...]**

mediação, uma criança de dez anos pega um livro. Lê para os irmãos menores. Outra menina se aproxima delicadamente. Pergunto se quer escolher um livro. Ela diz que não sabe ler. Pergunto se estuda.

Responde que está no sétimo ano do ensino fundamental. Juntas escolhemos um livro, que leio sob o seu olhar atento às ilustrações. Em seguida, ela lê as letras do alfabeto grafadas no tapete sobre o qual estamos sentadas, para demonstrar que sabe alguma coisa. Quantas histórias de territórios abandonados pelo poder público, de pessoas

também deixadas de lado por aqueles que se encarregam de fazer a gestão da cidade...

Cada território fala de suas especificidades, que a biblioteca não pode ignorar, pois não é um mundo à parte. Por isso, quando penso em mediação, muitas palavras vêm à minha cabeça: biblioteca, livro, leitura, literatura, poesia, cultura, arte, diálogo, escuta... todas evocam o território e, com ele, os seus moradores – porque território é algo vivo, sensível:

"[...] espaço imediato da vida das relações cotidianas mais finas – as relações de vizinhança, o ir às compras, o caminhar, o encontro dos conhecidos, o jogo de bola, as brincadeiras, o percurso reconhecido de uma prática vivida/ reconhecida em pequenos atos corriqueiros e aparentemente sem sentido que criam laços profundos de identidade habitante-habitante, habitante-lugar."
(CARLOS, 2007, p. 21)

O território entra em cada biblioteca sem pedir autorização. Vivo, pulsante, no corpo, no pensamento, nos sentimentos, nas histórias de cada pessoa que vai ali. Aparece em suas escolhas, em seus interesses, em sua relação com os livros, com a literatura. Questões urgentes entram na biblioteca; sonhos também.

É por isso que o território não pode ser visto como simples pedaço de terra. Para Magnaghi (2003), é a mais bela obra de arte que a humanidade produziu – pois, ao transmitir mensagens simbólicas e afetivas, interfere na identidade das pessoas, na linguagem, na cultura. Autores de literatura marginal e independente expressam muito bem essa relação com o território. Exemplo claro é Mailson Furtado (2017), com seu livro de poesias *À cidade*, escrito em homenagem à pequena Varjota, perdida no sertão do Ceará, onde mora¹. Com ele ganhou o prêmio Jabuti de 2018, como melhor livro de poesia e livro



CADA TERRITÓRIO FALA DE SUAS ESPECIFICIDADES, QUE A BIBLIOTECA NÃO PODE IGNORAR, POIS NÃO É UM MUNDO À PARTE. POR ISSO, QUANDO PENSO EM MEDIAÇÃO, MUITAS PALAVRAS VÊM À MINHA CABEÇA: BIBLIOTECA, LIVRO, LEITURA, LITERATURA, POESIA, CULTURA, ARTE, DIÁLOGO, ESCUTA...

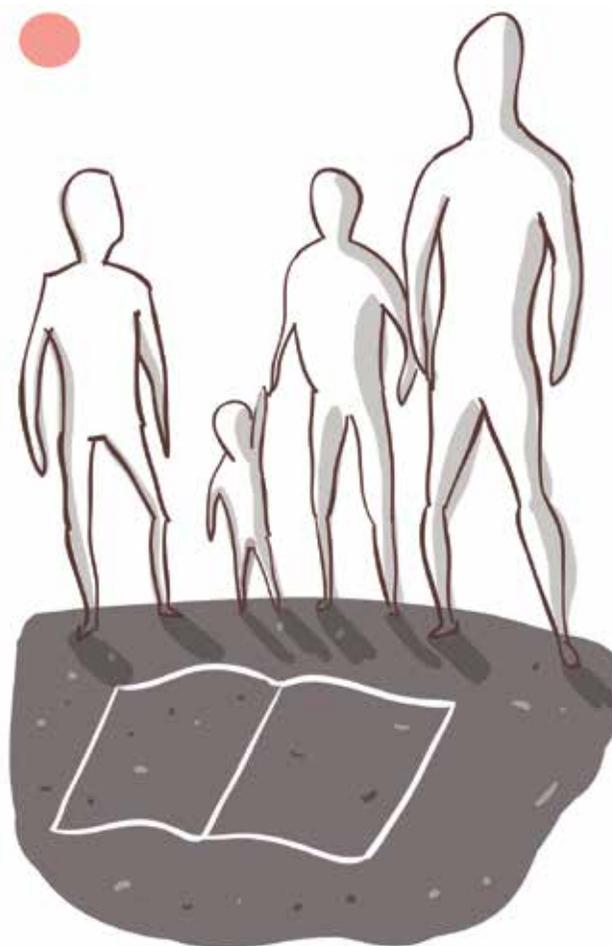
¹ Depois de enviar o original a grandes editoras, sem sucesso, o autor decidiu produzir e imprimir o livro por conta própria, contando com pessoas de sua relação para as tarefas de ilustração, diagramação, distribuição e divulgação.

do ano. “Foi uma poesia vomitada. Só me senti bem quando coloquei o livro para fora. Eu estava dentro da obra, e a obra estava dentro de mim”, descreveu Mailson².

Outro autor que merece ser citado por sua relação com o território é Ferréz (2000), do Capão Redondo, zona sul de São Paulo. Ele diz ter um compromisso ideológico com o lugar, pois ali ele é alguém; fora dali, é ninguém. Uma de suas obras mais importantes, já traduzida em outros países, é *Capão pecado*, que conta a história de pessoas “que não têm segurança, que não têm quem cuide de seus filhos e que muitas vezes mal conseguem colocar alimento na mesa”, como descreveu Estela Santos³.

MORTE E MEMÓRIA: O LUGAR NAS BIBLIOTECAS

Território é sujeito cultural, vivo e pulsante, calmo e agitado, triste e alegre. Pode parar de pulsar para aqueles que morrem, mas, e os vivos? Como seguem? Como



² Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-46198652>. Acesso em: 6 fev. 2019.

³ “Capão Pecado: violência e miséria na periferia paulistana”. Disponível em: <https://homoliteratus.com/capao-pecado-violencia-e-miseria/>. Acesso em: 6 fev. 2019.

prossequirei diante de mortes que acontecem perto de mim, seja no meu território, seja no lugar onde está a biblioteca em que atuo? Como as bibliotecas serão ou são invadidas por essas mortes e a dor que elas trazem? Como a mediação é impactada pelo assassinato de algum morador do território?

Deparar-se com a morte pode, para além da dor que sinto, desafiar-me a seguir em frente para a produção e o avanço da democracia e de um mundo mais humano, fraterno e solidário. Seguir em frente significa manter viva a memória dos mortos, das circunstâncias e razões de suas mortes. Um memorial, mesmo que singelo, poderá cumprir esse papel, a exemplo do Memorial da Resistência, em São Paulo.

Paulo Endo, em seu texto "Memória, memoriais e o futuro das democracias", aborda tudo isso de forma delicada, mas sem fazer concessões. O autor me faz pensar sobre os territórios onde trabalho e a importância de não deixar esvanecer

de minha memória, e da memória daqueles que frequentam a biblioteca, as mortes marcadas pela discriminação de renda, raça ou gênero. Talvez a memória como elemento estruturante de nossas bibliotecas seja a resposta que busco. Se não tenho como fazer um memorial, posso fazer uma roda de história, uma exposição de conversas sobre fotografias, objetos. Memória de acontecimentos importantes para cada um – a morte de uma pessoa amada, o nascimento de um filho, o primeiro dia de aula, a compra da casa, o primeiro beijo – ou que marcaram a vida da comunidade ou do país.

DEPARAR-SE COM A MORTE PODE, PARA ALÉM DA DOR QUE SINTO, DESAFIAR-ME A SEGUIR EM FRENTE PARA A PRODUÇÃO E O AVANÇO DA DEMOCRACIA [...]

LEITURA COMO DIREITO E PRINCÍPIO DE CIDADANIA

A literatura permitiu-me entrar no universo doloroso da ditadura de Vargas por meio do livro *Memórias do cárcere*, de Graciliano Ramos (1953).

Ainda jovem, aprendi que a vida pode deixar de existir num país onde reina um governo ditatorial. Esse foi um dos elementos que me impulsionou a lutar contra a ditadura iniciada em 1964. Hoje, mais do que nunca, sei da importância da memória e de seu registro antes que ela morra com quem a viveu. A literatura de Graciliano Ramos possibilitou-me

também entrar no campo da estética, dado o primor do texto.

Se *Memórias do cárcere* me levou a entrar em um mundo doloroso, outras obras me conduziram ao mundo dos sonhos. Houve

também as que me impulsionaram a olhar para o outro e aumentaram o desejo de conhecer imigrantes, períodos da história – a nossa e a de outros povos –, a vida de gente simples, de homens ricos... enfim, por meio da literatura o meu universo se alargou. Assim como eu, todos deveriam ter o direito ao acesso à literatura. Não sem razão, Antonio

Candido me toca tanto com a sua defesa do direito à literatura, conforme nos indica Eliana Yunes em seu texto “A leitura e a literatura como direitos e princípios de cidadania”.

O campo em que atuo hoje para fazer alargar a democracia é o da pequena biblioteca viva, da pequena organização da sociedade civil, na busca da concretização desse direito negado a tantos cidadãos brasileiros. Ao associar texto-leitor-contexto, Eliana reforça em mim a ideia de manter os pés no chão, às vezes literalmente no barro, lembrando-me dos territórios onde atuo, do país onde vivo, do mundo do qual faço parte.

É nessa miríade de encontros que a complexidade do contexto se coloca dentro da biblioteca, na busca do que ler, olhar e ouvir. Moradores do território entram na biblioteca carregando com eles o contexto. Não de forma homogênea, linear, única. Alguns vão ao encontro de alguém com quem possam dialogar. Outros, simplesmente para beber

**MORADORES
DO TERRITÓRIO
ENTRAM NA
BIBLIOTECA
CARREGANDO COM
ELES O CONTEXTO.
NÃO DE FORMA
HOMOGÊNEA,
LINEAR, ÚNICA**



água em dias quentes, pois a praça onde jogam não lhes oferece isso. Sabem que ali serão acolhidos. Outros querem esquecer a condição de desempregados. Escapar da pressão e da tristeza. O preconceito, o fundamentalismo e o ódio também se fazem presentes. Alguns leitores, por exemplo, consideram que certas obras de literatura marginal não são dignas de integrar o acervo, porque têm palavrões e muita violência. Mesmo que tudo isso faça parte da realidade vivida por esses frequentadores da biblioteca, eles preferem que obras assim não sejam escritas. Reflito e tento encontrar caminhos para enfrentar esses conflitos, sem cair na armadilha das tentações da regulação, do controle, da determinação pelo outro daquilo que alguém deve ler.

MEDIAÇÃO, UMA ATIVIDADE MARCADA PELA COMPLEXIDADE

Na busca da concretização do direito à literatura, preciso considerar que a vida no/do território

é complexa. Por isso, o trabalho de mediação também o é. Diante do enorme desafio da concretização da literatura como direito humano, María Emilia López dá enorme contribuição com sua experiência, consistência teórica e capacidade de reflexão expressadas no texto "Mediação e formação de leitores".

Ela destaca três aspectos fundamentais para a realização da mediação: a disponibilidade para recepcionar o outro – seja com um suco, biscoitos, ou com o sorriso aberto, o tom de voz, às vezes o abraço aconchegante pelo vínculo que já existe –; a disponibilidade para a escuta sensível, para entender o que o outro quer dizer, com suas palavras, com seu corpo, com os objetos que carrega e com sua própria capacidade de escuta; e o desenvolvimento da capacidade metafórica, da qual a biblioteca é lugar privilegiado de manifestação,

**DISPONIBILIDADE
PARA RECEPCIONAR,
ESCUA SENSÍVEL E
DESENVOLVIMENTO
DA CAPACIDADE
METAFÓRICA
SÃO ASPECTOS
FUNDAMENTAIS DA
MEDIÇÃO**

como um "terceiro lugar": no encontro com o outro, com o livro, com a literatura, encontro definido pela liberdade de escolha e a autonomia, a biblioteca se difere da casa (primeiro lugar) e da escola ou do trabalho (segundo lugar), nos quais a obrigação se faz presente e muitas vezes a liberdade é cerceada.

O texto cita filósofos que têm muito a nos dizer para aguçar nossas reflexões e nossa imaginação. Jacques Rancière, com a noção de mestre ignorante e a ideia de que o espectador não é passivo, me tira do campo de querer controlar a vida das pessoas por meio das atividades que proponho. De Jorge Larrosa, a autora toma emprestada uma ideia que coloca a importância da linguagem como constituidora da própria vida, acompanhada da voz, que tende a desaparecer em nossas relações mediadas pela máquina e necessariamente retorna no trabalho de mediação. De Edgar Morin, María Emilia evoca a existência de duas linguagens: a poética, "que

tem a ver com o simbólico, o mítico, o mágico”, fundamental para o desenvolvimento de nossa capacidade metafórica, e a da prosa, “de caráter racional, empírico, técnico, ambos emaranhados na lógica da vida cotidiana”. A prosa vem predominando sobre a poesia, mas não deveria ser assim.

LITERATURA, LEITURA, POESIA: O LUGAR DA SOCIEDADE CIVIL

No texto “A contribuição das bibliotecas comunitárias para um país de leitores(as)”, Bel Santos Mayer destaca um contexto marcado por enormes desigualdades e no qual, apesar disso, forças vivas da sociedade atuam para que a literatura possa ser um direito de todos. Ela toma como exemplo a Biblioteca Comunitária Caminhos da Leitura, situada na região sul da cidade de São Paulo, em Parelheiros. Experiência linda, tocante. Seus atores, desde 2009, atuam no sentido de transformar uma das regiões mais vulneráveis da cidade de São Paulo em “comunidade leitora”.

**[...] NO ENCONTRO COM O OUTRO,
COM O LIVRO, COM A LITERATURA,
ENCONTRO DEFINIDO PELA LIBERDADE
DE ESCOLHA E A AUTONOMIA, A
BIBLIOTECA SE DIFERE DA CASA
(PRIMEIRO LUGAR) E DA ESCOLA OU DO
TRABALHO (SEGUNDO LUGAR), NOS QUAIS
A OBRIGAÇÃO SE FAZ PRESENTE [...].**

Um dos resultados mais expressivos tem sido a autonomia de seus atores: adolescentes na origem; hoje jovens adultos que conduzem a biblioteca. A capacidade de escuta sensível desses mediadores é evidente, como demonstram várias ações citadas, da saudação ao novo ser que vem

ao mundo à constatação de que "é primordial haver livros, bibliotecas e livrarias no caminho das pessoas". Como mestres ignorantes, os atores de Parelheiros foram capazes de produzir algo que não sabiam e de ensinar a todos nós possibilidades de concretização do direito à literatura.

FECHANDO A CONVERSA, SEM FECHAR A PORTA PARA A UTOPIA

"Não há nada como o sonho para criar o futuro. Utopia hoje, carne e osso amanhã." (HUGO, 1986, Livro 4, p. I)

Ao finalizar, penso nas bibliotecas espalhadas por São Paulo, em outras cidades do Brasil, em diferentes bairros, cantos e casas, públicas, privadas ou comunitárias. Meu sonho é o de que as portas de

todas as bibliotecas se abram para o território, a mais bela obra de arte criada pela humanidade. Abrir as portas das bibliotecas para o território e seus habitantes exige que a memória seja um de seus elementos. Estruturante. Vida e morte presentes, atizando a imaginação dos que nelas entram. Olhar para as estrelas, mesmo em tempos de noite escura como o que vivemos.

Tudo isso exige de mim, como mediadora, a delicadeza no ato de receber as pessoas, a escuta sensível do outro e colocar a poesia no coração do meu trabalho, para que a capacidade metafórica possa ser alimentada. Exige de mim, fazer da biblioteca e do processo de mediação algo vivo. Fazer caber

TUDO ISSO EXIGE DE MIM, COMO MEDIADORA, A DELICADEZA NO ATO DE RECEBER AS PESSOAS, A ESCUTA SENSÍVEL DO OUTRO E COLOCAR A POESIA NO CORAÇÃO DO MEU TRABALHO, PARA QUE A CAPACIDADE METAFÓRICA POSSA SER ALIMENTADA.

dentro dela a maioria da população, no seu sentido mais pleno, não necessariamente dentro de um prédio. Em todos os lugares. Escolas, bares, restaurantes, farmácias, casas, ruas, praças, esquinas... na sociedade civil e no Estado, a urgência nos chama. No Brasil, a maioria não cabe. Nas bibliotecas, o mesmo acontece. Obra inacabada, precisa ser inventada a cada dia e em todos os momentos por todos aqueles que assumem a democracia como tarefa de suas vidas, conforme defendeu há mais de 30 anos o sociólogo Herbert José de Souza, o Betinho, referência obrigatória para todos que, como eu, estão comprometidos com o avanço democrático em nosso país (SOUZA, 1987).



MARILENA NAKANO

Presidente da Rede Beija-flor de Pequenas Bibliotecas Vivas de Santo André, associação sem fins lucrativos que congrega bibliotecas comunitárias, escolares e públicas. Formada em Pedagogia e História, fez mestrado e doutorado na área de Educação, Estado e Sociedade pela Universidade de São Paulo (USP), e pós-doutorado pela Université Paris 13. Foi professora da rede pública do Estado de São Paulo, do Ensino Fundamental ao Ensino Médio. Trabalhou na alfabetização de jovens e adultos em Cabo Verde e São Tomé e Príncipe, na África, e como professora de educadores sociais, no campo da mediação de território, na França.

★ MEMORIAL da RESISTÊNCIA ★

ESTAÇÃO PINACOTECA



UM MEMORIAL
ATICA A IMAGINAÇÃO

É PELOS MORTOS
QUE QUERÍAMOS
VIVOS QUE SEGUIMOS
ADIANTE

PENSAR
ES UN HECHO
REVOLUCIONARIO

MEMORIAIS
CELEBRAM AQUELES
QUE ANSIARAM POR
VER ESTRELAS
ENQUANTO
A NOITE ERA
ESCURA

A QUAL HERANÇA
DECIDIREMOS
PERTENCER?

A HUMANIDADE DO
HOMEM NÃO PODE SER
DESTRUÍDA

MEMÓRIA, MEMORIAIS E O FUTURO DAS DEMOCRACIAS

PAULO ENDO

Quando visitei pela primeira vez o Memorial da Resistência, em São Paulo, senti orgulho. Instalado em outra edificação que é orgulho para os paulistanos, a Estação Pinacoteca, o memorial estava ali, acolhido pelo complexo cultural mais importante da cidade – estrategicamente delimitado, quase tímido, entre a imponente Sala São Paulo, a pioneira Escola de Música do Estado de São Paulo e, mais adiante, recebendo as emanções da Pinacoteca do Estado de São Paulo, da Estação da Luz, do Parque da Luz, do Museu de Arte Sacra e do Museu da Língua Portuguesa.

Tudo isso remetia ao passado do prédio do Memorial – que, entre 1940 e 1983, foi sede do Departamento Estadual de Ordem Política e Social (Deops) de São Paulo, um dos braços da repressão civil-militar brasileira – e ao mesmo tempo o modificava, livrando-o dos escombros e relançando-o à posteridade, reinscrevendo-o no tempo e numa cidade que costuma demolir os traços de sua História.

Ativo o nosso memorial é; talvez tímido ante os importantíssimos e bem instalados museus da Polônia, da Argentina, do Chile e da Alemanha, países nos quais há também memoriais vigorosos em cidades menores, como o de Calama ou o da prisão de Chacabuco, no Chile, ou o de Stutthof, em Gdansk, um entre muitos espalhados pela Polônia.

O memorial paulistano é pequeno, discreto, mas é nosso, e parece estar bem e seguro entre patrimônios fundamentais e definitivos da cultura e da

**[...]A
HUMANIDADE
DO HOMEM
NÃO PODE SER
DESTRUÍDA E
POR ISSO OS
ATENTADOS
CONTRA ELA NÃO
TÊM LIMITES**

paisagem da cidade. Sentir um memorial como nosso é, portanto, o que lhe confere sentido e esperança no porvir. Se ele ainda existe como inscrição física e concreta no solo de São Paulo é porque a democracia lhe dá guarida.

Foi, portanto, ocasião para alegria quando recebemos, em janeiro de 2014, a notícia de que

o prédio do antigo Destacamento de Operações de Informação – Centro de Operações de Defesa Interna (DOI-Codi), localizado na Rua Tutoia, número 921, no bairro do Paraíso, fora tombado pelo Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico de São Paulo (Condephaat). O prédio foi sede da Operação Bandeirantes, símbolo da repressão na cidade de São Paulo e no país. Lugar onde cerca de 5.000 pessoas foram detidas e torturadas, e cerca de 50 foram assassinadas.

Quando visitei o museu Auschwitz-Birkenau pela primeira vez, em 2011, a sensação era de infinitude, largueza, amplidão do atroz que não tem começo nem fim, mas se aprofunda e se alarga até infinitos princípios. Blanchot já havia dito: a humanidade do homem não pode ser destruída e por isso os atentados contra ela não têm limites. O campo não termina nos crematórios semidestruídos pelos soldados da SS¹, que, apavorados ante a aproximação

das tropas aliadas, tentavam eliminar as provas de atrocidades extremas cometidas nos campos. Tão resolutos para exterminar e tão covardes para admitir que o fizeram.

No campo, a infinitude geométrica dos inúmeros barracões-retângulos construídos de modo simples e eficaz atestava a lógica perfeita da eficácia, pautada na invenção de equivalências e diferenças que tem por efeito as dicotomias levadas ao extremo. Restava aos capturados pelas categorias inventadas pelo nacional socialismo alemão a condenação ao retorno radical, aos princípios onde nada existe além de força bruta. Secretamente sorri com a covardia perversa dos “destemidos” soldados da SS tentando atabalhoadamente destruir os crematórios. Imaginei, por um instante, o pavor dos

1 Do alemão *Schutzstaffel*, a sigla significa “Tropa de Proteção”, nome dado à organização paramilitar do Partido Nazista.

SENTIR UM MEMORIAL COMO NOSSO É, PORTANTO, O QUE LHE CONFERE SENTIDO E ESPERANÇA NO PORVIR. SE ELE AINDA EXISTE COMO INSCRIÇÃO FÍSICA E CONCRETA NO SOLO DE SÃO PAULO É PORQUE A DEMOCRACIA LHE DÁ GUARIDA.

soldados nazistas tropeçando em seus cadarços para evitar serem flagrados fazendo o que faziam cotidianamente, e durante anos, com tanta ousadia e bravatas, sem a menor cerimônia.

A perversão dessa covardia oscilou entre a onipotência da ação da intrusão sem consequências sobre o corpo e o espírito alheio, e a recusa em expor esse ato cometido em condições de assimetria e desigualdade extremas. O feito poderia ser desfeito pelo apagamento e uma nova destruição das provas arquiváveis, pareciam

pensar os SS diante da derrota iminente. Consequência disso é o suicídio em série do alto comando do partido após a constatação da derrota das tropas alemãs.

Um memorial atíca a imaginação. Nada está mais lá além de indícios, partes, pedaços, mas podemos imaginar. Não vemos nada, mas tudo está lá porque estamos lá para imaginar e reconstruir o que se passou. O ato que realiza a atrocidade é o que se esconde da fundação da linguagem, recusando-se a apresentar-se à comunidade dos falantes, o que Freud tão engenhosamente nos legou ao revelar nas costas de toda lei o seu sucedâneo tabu. Nas costas daquilo que fala, o emudecimento e a impossibilidade da escuta; a impossibilidade da História. Do alto da lei, a ordem; do alto da ordem, o tabu. Retorno ao mesmo lugar e princípio da destruição e do estado de horda.

A alguns quilômetros de Auschwitz, Birkenau é o além-mundo, o silêncio infindo de vidas que se

foram e de dores cujos gritos não se pode mais ouvir. O manto que se estende sobre Birkenau é escuro: o sem fim do silêncio e da palavra que jamais foi proferida. Os esqueletos de dezenas de barracões que ainda seriam construídos são os reveladores da vastidão do mundo sem mundo, do mal que não se esgota, nem teme, nem encontra termo no mundo dos homens. Ali se realiza a geometria da eficácia e o fim da humanidade do homem, transformada em coisa, obstáculo e destroços.

Pensei em Chacabuco, no Chile, onde prisioneiros políticos do período Pinochet foram confinados no deserto do Atacama e ali, sozinhos, inventaram um telescópio artesanal para observar, escondidos, as estrelas do céu mais limpo do mundo. Lutar pelo mundo é prática de quem aspira a observar o universo. Em Birkenau, contudo, o céu é de impossíveis estrelas.

Dois barulhos fingiam semelhança. No meio do deserto,

o pequeno memorial de Calama e o som das Mulheres de Calama, cavando com suas pás durante décadas o solo seco do Atacama. Na busca de seus entes queridos desaparecidos, restituíam lembranças sonoras. A pá contra a terra. Avizinhava-se deste o ruído dos passos sobre os pedriscos das ruas de Birkenau. Ambos dizendo que precisamos seguir adiante, mas não poderemos fazê-lo abandonando nossos mortos e o sentido de seu desaparecimento.

Em visita ao Museu de Memória e Direitos Humanos, em Santiago, no mesmo Chile do Atacama, não encontrei a terra vermelha do deserto, mas interiores envidraçados propondo uma espécie de busca obstinada pela transparência. Translucidez amarelada pela luz das lâmpadas-velas continuamente velando os mortos e desaparecidos da ditadura chilena. Luz das estrelas?

O muro que se ergue com a inscrição dos 30.000 nomes gravados no Parque da Memória de

Buenos Aires propõe certamente o mesmo, de modo diferente: não podemos ultrapassar o que se constituiu em muralha.

Na medida em que ladeamos a inscrição de todos os nomes e de cada um deles, reconhecemos não se tratar de uma muralha, mas de impressões, nomeações que perfazem um caminho. Não interrompem, conduzem. Não se interpõem, demarcam.

Sutilmente o muro alto torna-se mais baixo, ao alcance e, no final do caminho que ele sugere, revela-se, como espelho, quase da altura de quem o observa. Podemos, então, reconhecer, entre os 30.000 nomes ali inscritos e perfilados, o nosso. Constatado, assim, que a diferença entre os mortos e os vivos é que os vivos ainda podem prosseguir. O que faremos com essa possibilidade e com essa diferença?

Os muitos Mendez, Alarcons, Lopes, Alvarez perfilados. Famílias

**[...] PRECISAMOS
SEGUIR ADIANTE,
MAS NÃO
PODEREMOS
FAZÊ-LO
ABANDONANDO
NOSSOS MORTOS
E O SENTIDO DE SEU
DESAPARECIMENTO**

inteiras que se foram. Pais, irmãos e filhos. *Madres, abuelas e hijos de mayo* que impõem continuidade, demarcação, direção ao trabalho da memória, dos arquivos e do futuro.

Nas idas e vindas aos memoriais há momentos de comunhão e conagração entre os vivos: centenas de visitantes, tradutores em muitas línguas, exposições e inaugurações celebradas, pesar compartilhado. Há também o conagração com os mortos: longas caminhadas solitárias, ausência de placas, dizeres indicativos, palavras, legendas e gestos. O silêncio que se encerra nos sons dos próprios passos perdidos no meio do nada.

Na pequena estrada que conduz ao memorial de Stutthof, em Gdansk,

nos deparamos com uma bela casa burguesa. Nessa casa residem pessoas comuns, e constatamos, com surpresa e perplexidade, que foi durante anos a residência de Max Pauly, comandante do campo de concentração de Stutthof. Ele e sua família se beneficiavam de residir a poucos metros do trabalho. Hoje a casa é ocupada por cidadãos comuns e, estranhamente, não fora incorporada ao memorial de Stutthof.

Visitei, num dia frio e chuvoso, esse campo memorial em que foram exterminadas milhares de pessoas. Diferente de Auschwitz, que recebe mais de um milhão e meio de visitantes por ano, não havia ninguém em Stutthof, salvo um casal simpático de poloneses

NAS IDAS E VINDAS AOS MEMORIAIS HÁ MOMENTOS DE COMUNHÃO E CONGRAÇÃO ENTRE OS VIVOS: CENTENAS DE VISITANTES, TRADUTORES EM MUITAS LÍNGUAS, EXPOSIÇÕES E INAUGURAÇÕES CELEBRADAS, PESAR COMPARTILHADO.

que alugava os *headphones* numa pequena edificação antes do portão de entrada.

No barracão precário de entrada do campo, onde os prisioneiros eram recebidos, há hoje obras de alguns artistas que deixaram suas pegadas e fazem companhia aos visitantes solitários. A polonesa Wanda Swajda esculpiu centenas de batatas sob a forma de rostos. Depois foram aglomeradas, uma ao lado do outra, e finalmente emolduradas. Assim, a alimentação mais comum nos campos revela rostos que, à medida que as batatas se desidratam, envelhecem, tornam-se obscuros, repletos de sombras e dor. Esses rostos-batatas ainda estão lá, desintegrando-se lentamente, e um dia desaparecerão sob o efeito de sua degradação física. Sem água e nutrientes, arrancados da terra onde foram plantadas, amontoadas, indiscerníveis.

Os rostos esculpidos foram minha única companhia e com eles entrei pelo portão principal

do Campo de Stutthof. Nesse dia o vento frio vazava os barracões vazios e abertos aos visitantes. Um pequeno crematório intacto ladeava o enorme monumento que conservava, em seu interior, as cinzas dos mortos no campo.

Tanto em Auschwitz, como em Stutthof ou no monumento aos trabalhadores caídos do estaleiro de Gdansk – erguido em homenagem aos que lutaram contra o Estado durante a ocupação russa, nos princípios do movimento do que se tornaria o sindicato Solidariedade na Polônia –, encontramos formas monumentais, altas, compactas e pesadas. Não concordo com elas. Sua aparência ostentatória revela uma desatenção ao invisível e aos efeitos do aparecimento e do desaparecimento, do lembrado e do esquecido, do início e do fim.

Aquilo que se ergue alto, forte, pesado elide um silêncio conspícuo que toda catástrofe social e política

**AQUILO QUE
SE ERGUE ALTO,
FORTE, PESADO
ELIDE UM SILÊNCIO
CONSPÍCUO
QUE TODA
CATÁSTROFE
SOCIAL E
POLÍTICA EXIGE**



exige. Esse silêncio, que se instala diante dos extremos de uma dor e compromisso difícil de alcançar, revela a marca de um pensamento vindouro e aguardado diante da aflição que toda destruição impõe ao futuro.

Antes de mim, contudo, já disseram melhor os importantíssimos artistas do contra-monumento na Alemanha, destacados pelo pesquisador americano James Young: Jochen e Esther Gerz, Horst Hoheisel e outros discutem o papel das obras monumentais para figurar as catástrofes sociais e políticas. Seus trabalhos operam estruturas gigantescas que desaparecem, são invertidas para depois deixarem apenas rastros, pegadas, sinais e indícios; e o que foi feito com elas revela-se como um análogo ao que foi feito com povos inteiros. Para eles, a iminência do desaparecimento não pode jamais ser alojada num passado imaginado monumentalmente como sendo

sua justa representação, porém é a dinâmica e a história das coisas enterradas e desaparecidas que perduram para serem compreendidas e reencontradas.

Contra o desaparecimento persiste o trabalho de preservação de tudo o que conduziu a ele. Não poderemos, talvez, restituir forma ao desaparecimento, porém com trabalho difícil e contínuo, revelaremos os mecanismos que o permite e o impõe, e as intenções que lhes servem de esteio. A maquinaria pesada capaz de impor dor e sofrimento a muitos é continuamente defraudada pelo flagrante de sua lógica simplória que sustenta ações de larga escala, todavia seu princípio é a perversão da covardia e seu instrumento é o apagamento dos que pensaram contra, agiram contra, falaram contra e que, por sustentarem essa oposição inequívoca e liminar, jamais serão esquecidos. São aqueles cuja história as lutas pela memória buscam reconhecer e preservar.

No Museu e Memorial Haroldo Conti, onde ficava a Autoridade Europeia de Mercado de Valores Mobiliários (Esma), centro da repressão durante a ditadura Argentina, somos recebidos logo na entrada por um Ford Falcon, veículo largamente utilizado pelas forças repressoras durante o regime militar no país. A intervenção de um grupo de artistas, contudo, pintou o automóvel de branco, cortou-o ao meio, separou todas as suas peças e o suspendeu à altura dos olhos, e assim podemos passar através do esqueleto do veículo, enxergando

[...] A IMINÊNCIA DO DESAPARECIMENTO NÃO PODE JAMAIS SER ALOJADA NUM PASSADO IMAGINADO MONUMENTALMENTE COMO SENDO SUA JUSTA REPRESENTAÇÃO, PORÉM É A DINÂMICA E A HISTÓRIA DAS COISAS ENTERRADAS E DESAPARECIDAS QUE PERDURAM PARA SEREM COMPREENDIDAS E REENCONTRADAS.

cada uma das peças que o compõe e entendendo seu funcionamento.

Trabalho impactante que impele ao pensamento. O assustador Ford Falcon é uma engenhoca que pode ser desmontada e compreendida. Esse trabalho faz par, portanto, com o enorme painel no Parque da Memória em Buenos Aires onde se lê "pensar es un hecho revolucionario".

Para os memoriais, a missão de lembrar os que se foram é tarefa contínua, por suposto, porém, ela é acompanhada pela possibilidade de compreender os limites da resistência ao atroz e refazer a pergunta que nos conduz diante do impasse: à qual herança decidiremos pertencer? A cada visita ao memorial reencontramos a herança que nos compete e somos persuadidos a tornarmo-nos desejosos de revelá-la, promovê-la e capazes e dignos de lembrá-la.

Décadas se passaram após o golpe e a vigência do governo militar no Brasil. Ainda lutamos pela punição aos torturadores do passado e do

A CADA VISITA AO MEMORIAL REENCONTRAMOS A HERANÇA QUE NOS COMPETE E SOMOS PERSUADIDOS A TORNARMO-NOS DESEJOSOS DE REVELÁ-LA, PROMOVÊ-LA E CAPAZES E DIGNOS DE LEMBRÁ-LA.

presente, pela abertura definitiva dos arquivos militares, pela revisão da lei da anistia e pela busca dos desaparecidos políticos. Muito ainda a ser feito.

Daquilo que se passou, contudo, é ainda pelos mortos que queríamos vivos que seguimos adiante, porque, de tudo, o mais importante legado é o que se revelou quando os governos totalitários depararam com aqueles que a eles se opuseram. Só assim vimos reveladas as verdades sobre nossos governos, sobre nosso país e sobre nós mesmos. Todos os memoriais têm, entre suas tarefas capitais, celebrar aqueles que ansiaram por ver estrelas enquanto a noite era escura. Todavia, se as virmos, saberemos segui-las?

PARA NUNCA ESQUECER

Saiba mais sobre alguns dos museus e memoriais citados no texto

Memorial da Resistência • São Paulo, Brasil

www.memorialdaresistencia.org.br

Criado em 2002 para preservar as memórias da repressão política no Brasil, ocupa a antiga sede de uma das polícias políticas mais truculentas do regime militar (1964-1985). Mantém atividades de pesquisa, salvaguarda de documentos e ações culturais.

Museu Auschwitz-Birkenau • Auschwitz, Polônia

www.auschwitz.org

Auschwitz foi o maior dos campos de concentração e extermínio nazistas. Ali perderam a vida mais de 1,1 milhão de pessoas. Em 1947, dois anos depois do fim da Segunda Guerra, o museu foi criado como lembrança permanente dos horrores do Holocausto.

Museu da Memória e dos Direitos Humanos • Santiago, Chile

ww3.museodelamemoria.cl

Inaugurado em 2010 para dar visibilidade às violações dos direitos humanos cometidas pelo governo militar do Chile, entre 1973 e 1990, o acervo inclui cerca de 220.000 documentos e 45.000 fotografias.

Centro Cultural Haroldo Conti • Buenos Aires, Argentina

conti.derhuman.jus.gov.ar

Instalado em 2008 no prédio que abrigou um centro de detenção e tortura da ditadura militar argentina, entre 1976 e 1983. Por ali passaram cerca de 5.000 presos políticos, dos quais apenas 200 sobreviveram. O escritor Haroldo Conti foi uma das vítimas.



PAULO ENDO

Psicanalista, pesquisador e professor livre-docente da Universidade de São Paulo (USP). Coordena o Grupo de Pesquisa em Direitos Humanos, Democracia, Política e Memória do Instituto de Estudos Avançados da USP. Pesquisador produtividade do CNPq, é membro pesquisador da Unit Research on Dreams, Memory and Imagination Studies da Universidade de Gdansk (Polônia) e da Memory Studies Association (Holanda/ Dinamarca), além de assessor dos Territórios Clínicos de la Memoria (Argentina). Organizador da plataforma Psicanalistas pela Democracia, foi agraciado com o prêmio Jabuti em 2006 pela obra *A violência no coração da cidade: um estudo psicanalítico*.

LITERATURA, BEM CAPITAL NA ESFERA DOS DIREITOS IMPRESCINDÍVEIS PARA A MENTE

Lemos e Somos Lidos
POR CAUSA DA DISTÂNCIA
entre o que vemos em nós mesmos
E O QUE OS TEXTOS NOS DÃO A VER



A LITERATURA
ESTÁ
NO MEIO DA
VIDA



A LEITURA E A LITERATURA COMO DIREITOS E PRINCÍPIOS DE CIDADANIA

ELIANA YUNES

Não será possível tratar de literatura como direito e associá-la a princípio de cidadania sem considerar a reflexão a um só tempo sociológica e estética desenvolvida por Antonio Candido em 1988 e que permanece atual, conquanto a literatura na pós-modernidade nos apareça diversa do que a poética aristotélica nos propôs como literário.

A ideia de mimese, já despida da acepção de cópia, coloca a possibilidade da diferença em relação ao consenso acrítico do que seja a realidade, como representação. Aí a força subliminar das ideologias carrega com cores de naturalização a vida política. Por outro lado, a compreensão da catarse como provocação à subjetividade inconsciente do leitor foi renovada à luz da estética da recepção com a escola de Konstanz, afastando-se da emotividade reativa, para se colocar na esfera reflexiva que incorpora o repertório de leituras de vida e de textos do leitor. E a resposta passa da compreensão das regras retórico-formais para a instância da ação comunicativa, como modernamente compreende

Habermas (2012), de um modo, com a filosofia da intersubjetividade, e, de outro, Martha Nussbaum (2015), com a ética da justiça.

Nessa esfera, não cabe mais e apenas a noção de deleite dos sentidos, beleza e prazer *stricto sensu*, já presente na visão crítica de um prosador como Lima Barreto,

[...] A CONDIÇÃO DE SER PENSANTE PODE OU NÃO SE ELEVAR À DE PENSADOR, CONSOANTE À EDUCAÇÃO QUE SE DESENVOLVA, COMO EXPRESSÃO DA PESSOA E COMO SÓCIO DE UM EMPREENDIMENTO DE COLETIVIDADE

mas reside a insuspeitada habilitação do que ultrapassa a realidade para abalar a *normalidade* incoerente e desencadear uma conduta diversa, do olhar às práticas: a estética no entroncamento com a ética.

Refletindo com a costumeira habilidade teórica, Candido, o crítico carioca que se fez paulistano no exercício da pesquisa e do magistério, alargou o horizonte da esfera literária ao comparativismo e à interdisciplinaridade, fazendo da literatura um bem capital na perspectiva política dos direitos humanos e do acesso a outras visões de mundo, por uma percepção não

necessariamente academizada, própria da ficção.

Seu ensaio, inaugural desta discussão no Brasil e contundente em defesa do que outros antes dele veem também como uma finalidade inalienável do conhecimento e do saber – ou seja, o enfrentamento da desigualdade e a fruição da “vida boa” enquanto fruto da justiça –, segue como fortalecimento de um mais amplo estatuto para a literatura. Ao incluí-la entre os bens incompreensíveis – aqueles que não podem ser negados a ninguém –, eleva à integridade espiritual o que estava no limite da sobrevivência decente. “Corresponde a uma necessidade irrefutável do ser humano?”, se pergunta.

A condição de ser pensante pode ou não se elevar à de pensador, consoante à educação que se desenvolva, como expressão da pessoa e como sócia de um empreendimento de coletividade, no qual se insere, na exigência de participação e de trocas.

Mas a capacidade de imaginário, de fabulação, inegável na experiência humana nas vigílias, devaneios e sonhos, assevera que a ficcionalidade é uma alternativa imemorial ao desempenho histórico da nossa espécie, que se manifesta não apenas na criação artística, mas na científica e tecnológica.

A alienação progressiva da literatura como laurel de intelectualidade promoveu o afastamento da experiência de leitura enquanto exercício de associação e comparação entre o simbólico e o imaginário, impedindo que a sugestão de nova lógica das ações e de novo procedimento nas relações sociais viesse criar o rompimento da visão do já visto, animando a construção de possibilidades por recusar-se a identificar apenas o mero espéculo do realizado. E como não há um discurso neutro, sequer no terreno religioso, a fabulação não está imune ao contágio do ideológico, seja como endosso ou crítica. O estranhamento, no mínimo, incomoda e obriga a repensá-lo.

A literatura está no meio da vida e não pode ser apenas objeto das hostes acadêmicas que controlam seu estatuto.

A literatura, como as artes (o cinema, a canção popular, a fotografia etc.), amplamente, pode dar a ver outras dimensões de si mesmo e do outro, assim como da vida comum. Ler ainda hoje *Os Miseráveis*, de Victor Hugo, permite entender a sociedade brasileira contemporânea mais que o noticiário dos jornais. Poder ler, entrever e manifestar o próprio pensamento e opinião sobre o lido humaniza e dá dignidade ao anônimo, que integra a sociedade não apenas para consumir.

[...] COMO NÃO HÁ UM DISCURSO NEUTRO, SEQUER NO TERRENO RELIGIOSO, A FABULAÇÃO NÃO ESTÁ IMUNE AO CONTÁGIO DO IDEOLÓGICO, SEJA COMO ENDOSSO OU CRÍTICA. O ESTRANHAMENTO, NO MÍNIMO, INCOMODA E OBRIGA A REPENSÁ-LO.

Claro está que, na contemporaneidade, tanto o conceito de literatura como sua divisão em erudita e popular (apesar da nomenclatura indicativa de seu modo de produção permanecer) alteraram-se muito. A consideração das diversas linguagens, que dão forma e sentido ao universo humano, traz à tona modos de participação efetivamente mais inclusivos, em que passivos receptores passam a ativos produtores de textos

A EXPRESSÃO DA LEITURA EFETUADA COMO RESULTADO DO ENCONTRO COM O TEXTO, COM O DISCURSO (FORA DA CRÍTICA QUE SE ENCARREGA DE REESCREVER EXPONDO SUA ESTRUTURA, A FORMA LITERÁRIA NA LEITURA), PRECISA RECONHECER QUE A ENERGIA DESENCADEADA NO ATO DE LER, PARA VALER A PENA, PROPÕE SEM CULPA UMA HISTORICIZAÇÃO DAS PRÁTICAS DE LEITURA E APROPRIAÇÃO [...].

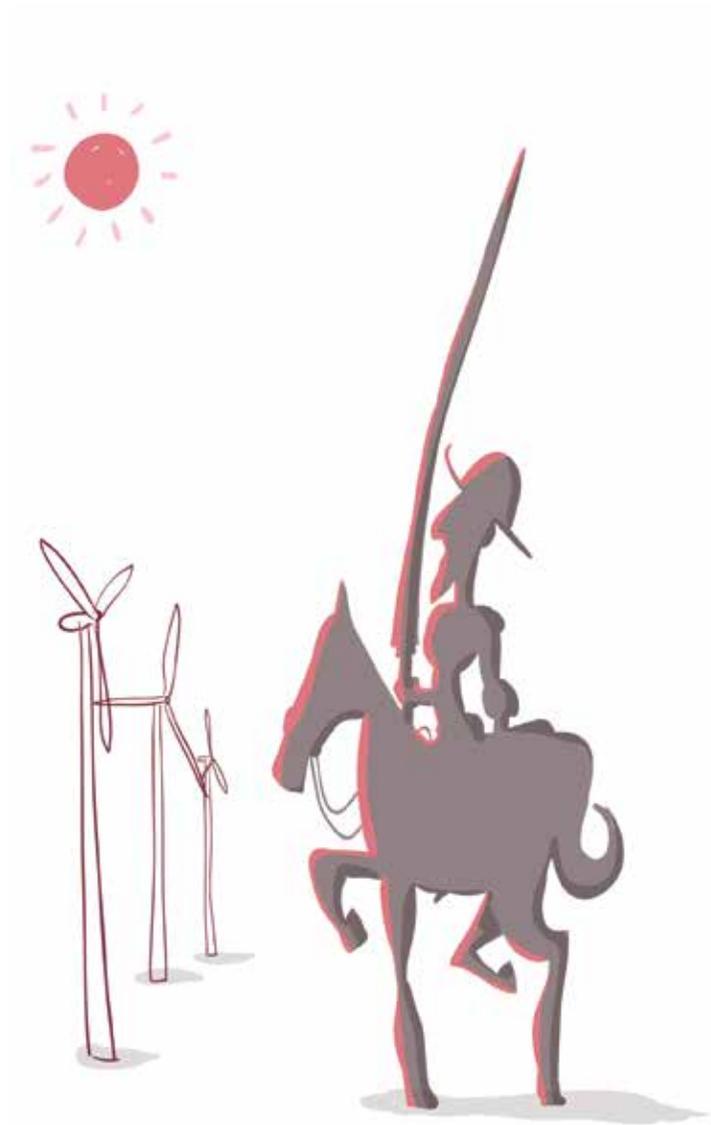
independentemente de assumidos como ficcionais ou fictícios. E, nesse curso de democratização dos usos das linguagens, o refino que sofrem há milênios na escrita carece de maior disseminação e pertencimento, em prol de usos mais consequentes e plurais.

Hoje, o efeito de significação do literário não coincide muitas vezes com a materialidade das coisas nele figuradas – pensar *A paixão segundo GH*, de Clarice Lispector, por exemplo –, e, por isso mesmo, o universo de leitura que se quer pontificar como adequado escapa à maioria, sobretudo porque, ademais do intervalo sociocultural que pode ocorrer entre texto e leitor, há o temporal, iniludível para todos: o *Quixote* de 1604 não é o mesmo para nós, apesar dos esforços de erudição.

A apropriação é incontrolável, seja porque anônima na maior parte das ocorrências individuais de leitura, seja porque esteja fora da série literária que a pretende controlar. A expressão da leitura efetuada

como resultado do encontro com o texto, com o discurso (fora da crítica que se encarrega de reescrever sua estrutura, expondo a forma literária na leitura), precisa reconhecer que a energia desencadeada no ato de ler, para valer a pena, propõe sem culpa uma historicização das práticas de leitura e apropriação, no sentido em que Chartier o formula.

E uma vez que admitimos que a significação de um texto ficcional não se esgota na interpretação autorizada por uma instância reconhecida, ou por uma metodologia legitimada, passa a ter interesse o leitor que aporta a diferença em relação ao padrão de leitura consagrado por diluidores oficiais dos grandes críticos. Deste ponto, partimos para considerar a necessária distribuição da literatura clássica e moderna para um uso efetivo na formação do pensamento crítico por associação e comparação, e não exatamente da teoria da literatura *a priori* ou inclusive da historicidade da sua produção.



Entramos no terreno que nos interessa proximamente, o das práticas de leitura que interrogam mais que informam, nas quais, conforme Barthes, lemos e somos lidos por conta da distância entre o que vemos em nós mesmos e o que os textos nos dão a ver. Essa experiência muito particular com os

A LIBERDADE DE LEITURA E DOS DIREITOS TEM EM VERDADE SEUS LIMITES, NÃO NAS REGRAS DO GÊNERO, COMO RECLAMAVA A ESTILÍSTICA, NEM NA LIBERDADE DO OUTRO [...]

discursos ficcionais tanto na literatura como no cinema, por extensão do conceito, precisa ser incorporada aos espaços de iniciação e usos da literatura se quisermos conectar e difundir (e não diluir) essa forma discursiva

na dimensão política e social da cidadania, ou seja, tomar o leitor na condição de membro da sociedade em que partilha sua subjetividade para um processo de emancipação coletiva. A liberdade de leitura e dos direitos tem em verdade seus limites, não nas regras do gênero, como reclamava a estilística, nem na liberdade do outro, como já quiseram Spencer e Sartre.



A liberdade do leitor, no entanto, não é incondicionada, pois o chão onde pisa pode ser fantástico, mas não ilusório, sob pena de alienação por desvios de ordem material ou psíquica. A cultura em que está mergulhado, mesmo inconsciente dela, as comunidades interpretativas das quais participa, como aponta Fish (1982), de alguma forma condicionam sua leitura e as práticas que dela podem derivar. A relação do eixo teórico autor-obra-público passa ao trinômio sociológico, texto-leitor-contexto, onde o acervo de vida e o repertório de memórias vão agir em dimensão viva sobre as metáforas que sensibilizam o conhecimento do receptor para uma elaboração que faça avançar a primeira impressão da obra e a última impressão do mundo.

Dessa perspectiva, em que a teoria da literatura se viu provocada pela nova episteme da história por Jauss (1994), abre-se o alargamento do horizonte do leitor em confronto com seus limites ordinários, acarretando um redimensionamento dos *possíveis* em que a inclusão do outro se insere

A RELAÇÃO DO EIXO TEÓRICO AUTOR-OBRA-PÚBLICO PASSA AO TRINÔMIO SOCIOLÓGICO, TEXTO-LEITOR-CONTEXTO, ONDE O ACERVO DE VIDA E O REPERTÓRIO DE MEMÓRIAS VÃO AGIR EM DIMENSÃO VIVA SOBRE AS METÁFORAS QUE SENSIBILIZAM O CONHECIMENTO DO RECEPTOR PARA UMA ELABORAÇÃO QUE FAÇA AVANÇAR A PRIMEIRA IMPRESSÃO DA OBRA E A ÚLTIMA IMPRESSÃO DO MUNDO.

necessariamente – mesmo que, às vezes, desfocada.

É com esta postura teórica sobre a leitura, adiantada a partir da teoria alemã da recepção, que pensadores contemporâneos da interpretação como produção de sentido que *afeta* o leitor apontam o entendimento da literatura como bem capital, ainda que intangível, na esfera dos direitos imprescindíveis para a mente, assim como saúde, educação e habitação o são para o corpo. Dada a limitação para uma

sobrevivência individual, Marcel Mauss (2013), por exemplo, chama a atenção para a imprescindibilidade do intercâmbio e da troca, em lugar da submissão e reprodução. E isso exige comparação e escolhas.

Com efeito, a discussão sobre direitos e deveres, de caráter político e social, não marcha independente de considerações éticas, que são produto tanto da racionalidade quanto da afetividade constituinte do humano; as artes e a história, guardadas em museus para serem mostradas, e não por mera preservação de relíquias, ensinam olhares libertos dos modelos com que as normas impõem a mesmice e indicam saídas de alternativa à resposta única que aniquila diferenças indescartáveis.

Ansiamos todos pela delicadeza, pela atenção e cuidado com que o humano em nós quer convívio e socialidade para contemplação, fruição e criação, em que reconhecimento seja partilha e solidariedade. Sem qualquer laivo

religioso, a paz que almejamos vem da justiça alcançada no *consumo* comum de bens inalienáveis. A indicação que vem de leis e juízos legais, de determinações estatutárias ou mercadológicas, escamoteia a consciência do bem comum, mais efetivo que a noção de dever. À regulação não corresponde a emancipação, onde se instala o desequilíbrio entre o necessário e o desejável, entre



o legal e o legítimo, pois nem tudo que nos é permitido nos convém, no dizer de São Paulo.

A hipertrofia da racionalidade jurídica e da cognitivo-instrumental acabaram por transformar a gestão social numa delegação de poderes que precisam constar e ser vigiados por eles mesmos, isentando cada um e todos de uma ação consciente e coerente com a aspiração do bem comum, o único que pode garantir a liberdade individual, segundo Boaventura Santos (1999). Justamente aí está o impasse que acaba por esvaziar as liberdades individuais, uma vez que a representação estatal dos direitos não tem uma avaliação permanente e retroativamente reparadora das obrigações assumidas por um contrato social e constitucional entre cidadãos e estados.

Isto, ele assinala, deriva do fato objetivo de que cidadania e subjetividade não se equivalem; ao contrário, esta é mais ampla que aquela. Enquanto expressa pelo voto,

[...] AS ARTES E A HISTÓRIA, GUARDADAS EM MUSEUS PARA SEREM MOSTRADAS, E NÃO POR MERA PRESERVAÇÃO DE RELÍQUIAS, ENSINAM OLHARES LIBERTOS DOS MODELOS COM QUE AS NORMAS IMPÕEM A MESMICE E INDICAM SAÍDAS DE ALTERNATIVA À RESPOSTA ÚNICA QUE ANIQUILA DIFERENÇAS INDESCARTÁVEIS.

sem outra forma de participação política, os cidadãos veem o clima democrático na opacidade da representação, em geral muito distante da realidade cotidiana da comunidade. A naturalização dessa relação leva à passividade e/ou explosões de violência. Essa igualdade formal e adjetiva precisa ser substituída pela igualdade substantiva imaginada por Rousseau.

Como escapar dessa regulação que é fictícia, pois desigual na

sua aplicação, e alcançar uma representatividade pela participação emancipada dos sujeitos?

O acesso aos bens humanos inalienáveis e reconhecíveis por todos passa, necessariamente, pela cultura que expressa vidas em comum que aceitam uma distribuição de tarefas e uma partilha de valores e convergência de esforços pelo bem comum. Nela pontifica a educação com que se distribuem os saberes e práticas

URGENTE MESMO É MUDAR NÃO APENAS O ENSINO DA LITERATURA NAS ESCOLAS, MAS MUDAR TODA A DIDÁTICA DO ENSINO, ALÉM DE ALTERAR OS OBJETIVOS ÚLTIMOS DA EDUCAÇÃO FORMAL BÁSICA: PASSAR NO VESTIBULAR? GARANTIR EMPREGO? ANTES, TORNAR-SE PESSOA E SUJEITO ENTRE SUJEITOS CUJA REAL CONSTRUÇÃO DA HISTÓRIA PASSE PELA ARTICULAÇÃO CIDADÃO-CIDADÃO, CAPAZ DE FUNDAR UMA ASSOCIAÇÃO POLÍTICA PARTICIPATIVA.

que podem qualificar as gerações futuras, livrando-as de repetir as mesmas questões e/ou as mesmas respostas.

Eis o lugar político da educação e cultura e o lugar privilegiado das artes, da literatura em particular, porque lida com a matéria comum da palavra: elas estimulam a que se associem a experiência e os novos horizontes de possibilidades, de modo que, afetado pela sensibilidade bela da descoberta e pela reflexão comparativa, seja *movida com* tal condição à compreensão reconceituada de catarse, que já levou Antígona à discussão da justiça e Cristo à cura no sábado.

Na vertente aqui defendida em muito boa companhia, a leitura de romances, o saborear da poesia, com sua melopeia rompendo o ruído, o desfrute da literatura dita infantil premiada, que junta texto a imagens soberanas, e a visita a museus da língua ou de cultura popular, levarão à sensibilização crescente

das pessoas e sua organização cada vez mais necessária em grupos de atuação e pensamento, alavancadas por escolas, bibliotecas e museus, que transformem a sua atividade operacional em práticas leitoras da vivência e expressão da experiência que constrói a (inter)subjetividade.

Se ficarmos apenas na literatura dita infantil brasileira, releiamos *A chave do tamanho*, de Lobato; *Vito Grandam*, de Ziraldo; *Sete cartas e dois sonhos*, de Lygia Bojunga; *A jararaca, a perereca e a tiririca*, de Ana Maria Machado; *A história de Inês de Castro*, recontada por Fábio Sombra; *Duas casas*, de Roseana Murray; *Passos no porão*, de Maria Clara Cavalcanti; *O tempo do amor dos dois*, de Lúcia Fidalgo; *Com que roupa irei para a festa do rei?*, de Tino Freitas, entre clássicos e contemporâneos.

Urgente mesmo é mudar não apenas o ensino da literatura nas escolas, mas mudar toda a didática do ensino, além de alterar os objetivos últimos da educação

formal básica: passar no vestibular? garantir emprego? Antes, tornar-se pessoa e sujeito entre sujeitos cuja real construção da história passe pela articulação cidadão-cidadão, capaz de fundar uma associação política participativa. Como defendeu Martha Nussbaum (2015) junto a seus alunos de Direito na Universidade de Chicago, a literatura pode ser um poderoso instrumento de reconhecimento do que seja justiça e cidadania. Não dá para deixá-la relegada ao impressionante saber crítico de academias.



PARA LER COM PRAZER

Saiba mais sobre os livros infantis brasileiros citados no texto

A chave do tamanho

(Monteiro Lobato)

Preocupada com as notícias sobre a Segunda Guerra (o livro foi lançado em 1942), Emília tenta resolver o problema indo à casa das chaves para desativar a chave das guerras. Por engano, ela gira a chave do tamanho, deixando todas as pessoas do mundo muito pequenas.

Vito Grandam (Ziraldo)

A relação de admiração e companheirismo entre um sobrinho e seu tio, apenas quatro anos mais velho, vai sendo descrita pelo sobrinho enquanto ele tenta alcançar o tio Víctor, "o grandão", que ficou preso em uma árvore ao final de um malsucedido voo de asa delta.

Sete cartas e dois sonhos

(Lygia Bojunga)

A amizade entre um menino e um pintor atormentado, relatada pelo menino em sete cartas, é a porta

de entrada para tratar de um tema extremamente delicado, a morte. A obra, com ilustrações de Tomie Ohtake, teve o nome original mudado para *O meu amigo pintor* ao trocar de editora.

A jararaca, a perereca e a tiririca (Ana Maria Machado)

As três personagens viviam tranquilamente num terreno baldio, tomado por mato, até que chegam os homens, com seus tratores, para limpar o terreno e prepará-lo para a construção de um prédio. O que fazer? Enfrentar os invasores, esconder-se ou fugir? Cada personagem encara a ameaça de uma forma.

A história de Inês de Castro (recontada por Fábio Sombra)

Um príncipe apaixonado é proibido de casar com sua amada. Esta clássica história de amor é contada pelo pesquisador de folclore e de cultura popular Fábio Sombra, que escolheu o título alternativo de "A dama

lourinha que depois de morta virou rainha” e ilustrou a obra com xilogravuras típicas de cordel.

Duas casas (Roseana Murray)

O tema do impacto da separação dos pais para as crianças, tão presente na sociedade contemporânea, é tratado com sensibilidade e com as belas ilustrações de Elvira Vigna. Dois irmãos percebem, aos poucos, que aquilo que parecia apenas divisão pode se transformar em multiplicação de amor.

Passos no porão

(Maria Clara Cavalcanti)

Um menino sempre corria para os braços do pai ao ouvir passos no porão. Por mais que o menino cresça e se torne um adulto, ele nunca deixará de buscar essa mesma sensação de acolhimento e segurança – afinal, a criança que

fomos continuará dentro de nós pelo resto da vida.

O tempo do amor dos dois

(Lúcia Fidalgo)

O narrador conta a história de amor de sua avó, que precisou enfrentar a resistência do pai para viver sua paixão. O conto é um dos três textos que integram a coletânea da autora “Amor, amor, amor”. Bibliotecária e contadora de histórias, Lúcia Fidalgo já publicou dezenas de livros infantis.

Com que roupa irei para a festa do rei? (Tino Freitas)

Nessa bem-humorada fábula em versos, protagonizada por animais da fauna brasileira, um rei organiza uma festa à fantasia em homenagem a outro rei. O alfaiate se vê em apuros quando os convidados pedem fantasias inusitadas, incluindo a de Rei do Rock e a de Rei do Futebol.



ELIANA NUNES

Professora associada da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RJ), onde coordena o setor de pesquisas e publicações do Instituto Interdisciplinar de Leitura (iiLer). Entre 2006 e 2013, dirigiu a Cátedra Unesco de Leitura no Brasil. Criou, para a Biblioteca Nacional, o Programa Nacional de Leitura (ProLer). Graduada em Filosofia e Letras, com mestrado em Letras e doutorado em Linguística pela Universidade de Málaga e em Literatura pela PUC-RJ, cursou pós-doutorado em Leitura pela Universidade de Colônia, na Alemanha.

BIBLIOTECA

LIVRO

Ler também e Escutar

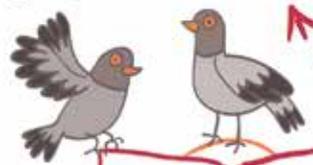


CONVERSA

MEDIADOR

VIVEMOS uma ÉPOCA de ESCASSAS INTERAÇÕES REAIS

LER ATRAVÉS do OUTRO é parte do trabalho de um bom mediador



Toda Criança Merece entrar NA poesia



Todo adulto Também

MEDIAÇÃO E FORMAÇÃO DE LEITORES

MARÍA EMILIA LÓPEZ

Ao tratar da mediação leitora em espaços coletivos é preciso considerar a existência de três componentes básicos: as bibliotecas (acervos de livros e espaços simbólicos), os livros (materiais da cultura escrita) e a conversa (que coloca no centro da cena uma ideia de intercâmbio, diferente da transmissão). Aqui se torna evidente a importância do mediador como aquele que constrói uma hospitalidade inicial, uma gentileza, como propõe Peter Pál Pelbart (2009, p. 44):

“Como manter uma disponibilidade que propicie os encontros, mas que não os imponha, uma atenção que permita o contato e preserve a alteridade? Como dar lugar ao acaso, sem programá-lo? Como sustentar uma ‘gentileza’ que permita a emergência de um dizer?”

Falamos então de uma “disponibilidade” particular, de um mediador que estará “à escuta”, que construirá com cada leitor um caminho de desvios em função de sua singularidade. Falamos também das bibliotecas como

espaços destinados a "alimentar a capacidade metafórica", e isso significa uma relação particular com a palavra poética, com as histórias, com a abertura do pensamento provocada por novas informações e a descoberta de outros possíveis acessos à informação (autores, assuntos, editoras).

A IMPORTÂNCIA DA PRESENÇA DO MEDIADOR

Em seu livro *O espectador emancipado*, Rancière (2010) se refere à emancipação intelectual como a verificação da igualdade das inteligências: não há dois tipos de inteligência separados por um abismo. O animal humano aprende todas as coisas como primeiro aprendeu a língua materna, como

aprendeu a aventurar-se na floresta das coisas e dos signos que o cercam, a fim de tomar seu lugar entre os outros humanos: observando e comparando uma coisa com outra, um signo com um fato, um signo com outro signo. Uma inteligência que traduz signos para outros signos e que procede por comparações e figuras para comunicar suas aventuras intelectuais e compreender o que outra inteligência se empenha em comunicar. "Este trabalho poético de tradução está no coração de toda aprendizagem" (p. 17), diz Rancière. Gosto especialmente desse olhar, que equipara o trabalho intelectual com o poético. Aprender e poetizar (brincar também estaria incluído aqui?) como ações irmãs.

**NA LÓGICA DA EMANCIPAÇÃO SEMPRE EXISTE UM
TERCEIRO ENTRE MESTRE E APRENDIZ EMANCIPADO: EM
NOSSO CASO SERÃO OS LIVROS. DESSA TERCEIRA COISA NENHUM
DELES É PROPRIETÁRIO, NENHUM DELES DETÉM O SENTIDO.**

O mestre capaz de acompanhar a criança a percorrer esse caminho de trabalho poético, de tradução, é também um ignorante. Diz-se assim não porque não saiba nada, mas porque não ensina a seus alunos o "seu" saber; pede-lhes que se aventurem entre as coisas e os signos, que digam o que viram e o que pensam do que viram, que o verifiquem e o façam verificar. O que esse mestre ignora é a desigualdade das inteligências. E isso é o que me parece tão pertinente para pensar o acompanhamento do leitor na biblioteca.

O espectador – a quem podemos comparar com o leitor – também atua. Observa, seleciona, compara, interpreta. Liga aquilo que vê a muitas coisas que viu em outros cenários. "Compõe seu próprio poema com os elementos do poema que tem diante dele" (p. 19), diz Rancière, e isso é o que lhe permite emancipar-se, não deglutir um sentido dado, mas sim compor-se com a obra a partir de seu próprio trabalho intelectual e poético.

Olhar não é, então, um ato passivo. Os espectadores veem, sentem e compreendem algo na medida em que compõem seu próprio poema, tal como o fazem à sua maneira os dançarinos, os atores, os dramaturgos ou os *performers*, e eu acrescentaria: como os leitores quando enfrentam o livro e encontram os resquícios necessários para sua exploração e sua própria interpretação, que é também fazer seu próprio poema.

Na lógica da emancipação sempre existe um terceiro entre mestre e aprendiz emancipado: em nosso caso serão os livros. Dessa terceira coisa nenhum deles é proprietário, nenhum deles detém o sentido. Por isso também é tão amplo e rico o leque de possibilidades da leitura, seus efeitos e suas abrangências. Nesse sentido, os modos, habilitações, generosidades, conhecimentos, tempos de elaboração propostos pelo mediador são cruciais para uma experiência de leitura emancipatória.

A BIBLIOTECA COMO TEMPLO DA LINGUAGEM

Vivemos um tempo de pobreza nas interações vinculares e nas experiências de linguagem humana. É uma época de escassas interações reais. E isso, para as crianças principalmente, é quase catastrófico;

**A LINGUAGEM
MEDIADA PELA
MÁQUINA PROVOCA A
AUSÊNCIA DO OLHAR
DIRIGIDO PARA O
ROSTO DO OUTRO,
E PORTANTO A
AUSÊNCIA DO OLHAR
CONJUNTO**

para os adultos também implica um arrasamento das possibilidades interativas, da relação mais plena com a linguagem, da possibilidade material de fantasiar e explorar as palavras, algo necessário para o pensamento em geral, e para a regulação do psiquismo, especialmente. Não é à toa que vez aparecem rasgos patológicos com maior frequência. A linguagem mediada pela máquina provoca a ausência do olhar dirigido para o rosto do outro, e portanto a ausência do olhar conjunto. A voz, ou o rosto sensível da língua, como diria Larrosa, vai apagando-se, porque as máquinas



não têm voz, e, se reproduzem uma voz, não é exatamente com a textura, o calor, o ritmo singular e, sobretudo, a dialogia que se estabelece entre duas pessoas que dialogam cara a cara.

Por outro lado, o tempo não fático da leitura literária se torna supérfluo na voragem capitalista que nos domina. Nesse sentido, a presença das bibliotecas com as ofertas dos bons mediadores se torna um fator de proteção psíquico-social-linguístico, que trabalha no campo imaginário, que nutre de linguagem e de experiências de ordem simbólica as vidas contemporâneas. E também está em jogo o poético da linguagem, que é essa diferença acima da comunicação entendida como transmissão de informação. O que acontece com o poético nessa mecanização da palavra? O que há além da informação em nossa linguagem atual?

Que desafios envolvem essa nova função do bibliotecário? Já não se trata somente de configurar um *corpus* ou um cânone de

É UMA ÉPOCA DE ESCASSAS INTERAÇÕES REAIS. E ISSO, PARA AS CRIANÇAS PRINCIPALMENTE, É QUASE CATASTRÓFICO; PARA OS ADULTOS TAMBÉM IMPLICA UM ARRASAMENTO DAS POSSIBILIDADES INTERATIVAS, DA RELAÇÃO MAIS PLENA COM A LINGUAGEM, DA POSSIBILIDADE MATERIAL DE FANTASIAR E EXPLORAR AS PALAVRAS [...].

leituras possíveis a serviço do leitor; trata-se também de projetar e oferecer o espaço-tempo simbólico necessário para que haja conexão com a linguagem, com a dialogia, a possibilidade de entrar no espaço poético-literário proporcionado por um romance, um conto, um poema. Aqui a interação e a conversação se tornam fundamentais.

OS DIFERENTES PERFIS DE LEITORES

Durante muitos anos, considerou-se que o leitor de biblioteca é aquele que já pode ler por si mesmo convencionalmente,

PARA AS CRIANÇAS PEQUENAS, SEUS SERES DE APOIO – MÃE, PAI, PROFESSORA – TORNAM-SE ESPELHOS EM QUE ELES SE RECONHECEM COMO SERES FALANTES, AFIRMAM-SE COM UMA IDENTIDADE E TAMBÉM COMO UMA UNIDADE. SEM ESSES ESPELHOS NÃO HÁ ACESSO À LINGUAGEM, À FANTASIA, À CRIATIVIDADE, À CAPACIDADE DE ESTAR ATIVAMENTE COM OUTROS.

e que, além disso, é movido pela necessidade de encontrar informação ou textos em geral para responder a uma demanda de formação, ou para alimentar-se literariamente. No entanto, nos últimos anos conseguimos dar visibilidade a novos leitores: os bebês e as crianças pequenas. Leitores que leem o mundo com todos os sentidos, ávidos de metáforas e de histórias, carentes como ninguém de narrativas que organizem a vida e nutram com as novidades deste mundo. Com os bebês chegam

os pais, ou avôs, ou professores; e, paradoxalmente, muitas vezes esse pequeno leitor é quem veicula o encontro do adulto com os livros.

Um projeto de formação para bibliotecários sobre leitura e primeira infância, realizado em bibliotecas públicas da Colômbia com bebês e crianças pequenas, trouxe consigo não somente a inclusão de milhares de crianças no espaço cultural “biblioteca”, mas também o enriquecimento dos processos leitores de muitíssimos adultos, incluindo os próprios bibliotecários¹.

Para as crianças pequenas, seus seres de apoio – mãe, pai, professora – tornam-se espelhos em que eles se reconhecem como seres falantes, afirmam-se com uma identidade e também como uma unidade. Sem

1 Este projeto foi parte do Plano Nacional de Leitura “Ler é meu conto”, desenvolvido pela Biblioteca Nacional da Colômbia, entre os anos de 2011 e 2014. A coordenação geral foi de Graciela Prieto, da Biblioteca Nacional, e a apresentação dos seminários de formação para bibliotecários esteve a cargo de María Emilia López.

esses espelhos não há acesso à linguagem, à fantasia, à criatividade, à capacidade de estar ativamente com outros. A criança que acessa o território da linguagem se amamenta de vozes próximas. A voz é veículo de sentido, de musicalidade, de segurança afetiva; a voz faz e transmite a língua, com suas infinitas ressonâncias, também com o inefável.

Esse invólucro sonoro que seus cuidadores vão criando por meio da linguagem, das melodias e jogos de palavras ajuda a construir ritmos, a diferenciar o som do silêncio, a ordenar o caos inicial. Então o sonoro já não é um estímulo intrusivo e indomável, mas se torna um "vivenciar". A voz querida que canta ensina o bebê a fazer "vivências", algo importantíssimo para sua mente, seu pensamento e seu coração. Vivenciar permite começar a relacionar o que ele possui dentro de si com o que está fora dele, sua interioridade

começa a dialogar com a cultura que o precede, e assim vai dando forma a seu próprio eu. Assim como o gesto de embalar acalma o corpo, a canção que vem da voz humana acalma a alma; e com os livros que trazem relatos, imagens, a força da arte em suas diversas manifestações, as crianças iniciam o caminho da cultura escrita. A mediação das mães e pais não somente repercute em seus pequenos filhos, mas também neles mesmos.

EM BUSCA DA "CARA SENSÍVEL DA LÍNGUA"

"Que ela, a vida, não tem partes, mas sim lugares e rostos"².
(ZAMBRANO, 1986, p. 21)

No filme *Minhas tardes com Margueritte*, de Jean Becker, encontramos alguns aspectos da mediação literária enraizados na prática espontânea, que podem ser muito úteis para refletir sobre todo

2 Do original em espanhol: "Que ella, la vida, no tiene partes, sino lugares y rostros".

infância: ele lê na sala de aula com rigidez e uma incipiente gagueira; o professor aponta esse balbuciar com ironia e certo desprezo, afirmando que Germain “comete erros de ortografia até lendo”. Assim como o caderno pode tornar-se um portador silencioso de correções e notas na vida escolar, de caráter individual, a leitura em voz alta – caderno sonoro ao fim e ao cabo – pode submeter o aprendiz à chacota pública.

Os modos como se resolvem as complexas práticas da leitura e da escrita estão arraigados no processo histórico de cada comunidade, isto é, o cruzamento social, político e cultural vai imprimindo suas marcas perenes através do tempo, moldando determinados modos de exercer a mediação, a transmissão, construindo uma cultura particular em torno da relação com os livros e a leitura. Para Germain, a desconfiança em sua capacidade leitora, a distância do ato da leitura, a impertinência da ficção (ele afirma em um momento que o que não é real não existe), são marcas

OS MODOS COMO SE RESOLVEM AS COMPLEXAS PRÁTICAS DA LEITURA E DA ESCRITA ESTÃO ARRAIGADOS NO PROCESSO HISTÓRICO DE CADA COMUNIDADE, ISTO É, O CRUZAMENTO SOCIAL, POLÍTICO E CULTURAL VAI IMPRIMINDO SUAS MARCAS PERENES ATRAVÉS DO TEMPO, MOLDANDO DETERMINADOS MODOS DE EXERCER A MEDIAÇÃO, A TRANSMISSÃO; CONSTRUINDO UMA CULTURA PARTICULAR EM TORNO DA RELAÇÃO COM OS LIVROS E A LEITURA.

subjetivas empobrecedoras, áridas, arraigadas nele. São marcas e legados de sua própria história de leitor, que ele trata como definitivas. E isso acontece com muitos dos leitores com quem nos deparamos em nosso trabalho.

“Ler também é escutar”, afirma Margueritte. Ela restitui a Germain seu estatuto de leitor ao torná-lo ouvinte de uma obra literária quase completa. Ao restituí-lo como leitor, inventa um tempo de abstração, produz um movimento nessa subjetividade leitora

[...] SER OUVINTE OU SER LEITOR NÃO SÃO MAIS QUE DOIS ASPECTOS IMBRICADOS DO ATO DE LER. MAS ESSE GIRO ESTÉTICO E PRAGMÁTICO PRECISA DE UM MESTRE, UM BIBLIOTECÁRIO OU UM MEDIADOR PARTICULAR

arraigada, gera um apetite por palavras e imagens, o devolve ao mistério, que é parte da experiência básica da literatura. No início, é a experiência do Outro que instala a possibilidade de entrar na leitura. Para Germain, e para tantos outros, o início não corresponde necessariamente ao tempo da infância, embora pareça, sim, imprescindível a presença de algum Outro (e esse Outro, com maiúscula, sempre será amoroso). “Ler através do Outro”, esse é parte do trabalho que um bom mediador deveria oferecer. E quando penso nessa leitura-escuta não me refiro unicamente às crianças pequenas que ainda não podem ler convencionalmente por si mesmas; essa necessidade de escuta, de ser envolvido pela voz do outro, não reconhece idades.

A prática da leitura em voz alta já não é sinônimo, na atualidade, de uma criança exposta à vara que mede conquistas ou fracassos; essa voz que é experiência, essa voz sensível

vai em busca de outras coisas, confia em outros modos de transmissão e mediação; é uma voz mais dividida: lê a criança e lê o adulto, lê um adulto para outro adulto, ser ouvinte ou ser leitor não são mais que dois aspectos imbricados do ato de ler. Mas esse giro estético e pragmático precisa de um mestre, um bibliotecário ou um mediador particular. Como aponta Jorge Larrosa:

“Antes de começar a falar, o mestre tremia. E esse tremor deriva de sua presença. De sua presença silenciosa, nesse momento, e da iminência de sua presença naquilo que vai dizer. Isso é certamente a voz, a presença no que se diz, a presença de um sujeito que treme no que diz”⁴ (LARROSA, 2010, p. 92).

4 Do original em espanhol: “Antes de empezar a hablar, el maestro tiembla. Y ese temblor se deriva de su presencia. De su presencia silenciosa, en ese momento, y de la inminencia de su presencia en lo que va a decir. Eso es seguramente la voz, la presencia en lo que se dice, la presencia de un sujeto que tiembla en lo que dice”.

O que diz o mestre (bibliotecário-mediador) que treme? Que conceito de leitura-escuta-escrita opera nele? O que seria bom experimentar para permitir-nos o tremor da voz e suas possíveis consequências? Há textos em particular que habilitam essa viagem simbólica do ato de ler, indo das palavras e do sentido para a voz e sua musicalidade?

Volto para as relações entre a leitura literária e o aprendizado da leitura e da escrita. Talvez o fracasso, ou a apatia, ou o vazio de muitas práticas atuais se deva a esse diálogo interrompido entre o estético da palavra inicial (palavras, voz, contos de infância) e a leitura e a escrita escolares. Uma dívida escolar com a leitura amorosa, generosa, desde um "porque sim" poético. Em Germain, a leitura se restitui desde o poético; essa linguagem texturizada, com dobras, encarnada no corpo de Margueritte, que o convoca a uma nova subjetivação.



O PAPEL DA LITERATURA, DA POESIA E DO LIVRO

Em suas reflexões sobre o mundo contemporâneo, o pensador francês Edgar Morin propõe a existência conjunta de duas linguagens: a poética, que faz o simbólico, o mítico, o mágico; e a da prosa, de caráter racional, empírico, técnico, ambas estruturadas na lógica da vida cotidiana. A dominância de uma sobre a outra e os modos em que se

[...] A RECUPERAÇÃO DA BELEZA NA LINGUAGEM POÉTICA SE TORNA UM TERRITÓRIO DE EXPERIMENTAÇÃO DA VIDA CAPAZ DE ACOLHER O SENSÍVEL, O INEFÁVEL, O QUE NÃO ENCAIXA NOS PROTÓTIPOS SUBJETIVOS, E É ENTÃO UM EXERCÍCIO DE LIBERDADE, QUE PERMITE RECUPERAR OS ESPAÇOS-TEMPOS DA ARTE E DA BRINCADEIRA

articulam, dão lugar a diversas formas de perceber, nomear, compreender e apropriar-se do conhecimento (MORIN, 2001). O predomínio da prosa foi característico da modernidade, com uma grande implantação da linguagem científica e conseqüentemente da razão, dando lugar à "hiperprosa" – isto é, a construção de um modo de vida em que a racionalização primou sobre as emoções, um mundo regido pelo monetário, encerrado em um sistema de ideias coerentes e comprováveis, que decompõe os elementos sensíveis passíveis de se tornarem modos de percepção do mundo ou em fábrica do imaginário (MORIN, 2000). Frente a esses modos subjetivos acorrentados à lógica da razão, Morin resgata o lugar da poesia como linguagem da vida, fazendo do conhecimento um universo poetizável, surgido da capacidade de construir metáforas, onde ocupam um lugar privilegiado a surpresa, o vislumbre, a perplexidade.

Desse ponto de vista, a recuperação da beleza na linguagem poética se torna um território de experimentação da vida capaz de acolher o sensível, o inefável, o que não encaixa nos protótipos subjetivos, e é então um exercício de liberdade, que permite recuperar os espaços-tempos da arte e da brincadeira. A reflexão de Morin abre um horizonte possível para a intertextualidade entre a razão e a *poiesis*, filtra uma ideia de conhecimento estruturada nesses seres sensíveis que somos os humanos. Beleza dos atos poéticos, da criação, que se despe na linguagem; linguagem que habilita a instalação das vastas áreas da emoção compartilhada, junto à racionalidade do mundo.

Italo Calvino dizia que "o conto é um cavalo: um meio de transporte, com sua andadura própria, trote ou galope, depende do percurso a ser executado" (CALVINO, 1997, p. 52). E o que é o poema? "Pouquinhos letras que sobem e descem", como



me disse uma menina de três anos um dia? "Um conto que às vezes não conta nada, mas canta", como me disse outro de quatro anos? Onde está a poesia, onde está o poema? O que é um poema? É uma música? É talvez um pássaro que não se conforma em cooperar com seu bando em cada migração e então arrisca sua vida para explorar outra experiência aérea, outro possível e incerto porvir?

A poesia e a arte estão a caminho do diferente; elas se encarregam de romper com o óbvio, tiram as lentes com que estamos acostumados a olhar a realidade. A metáfora é o que alimenta a possibilidade de uma nova realidade, feita de deslocamentos de sentidos, de inconvenientes para a percepção preguiçosa. Todo tema pode ser objeto da poesia, todo objeto pode ressignificar-se por meio da linguagem, muitos poemas podem abster-se da rima, todo verso busca sua melodia, toda criança merece entrar na poesia. Todo adulto também.

“O LEITE VOLTOU PORQUE AS PALAVRAS VOLTARAM”

Depoimento da mexicana Irma Perez, participante de um curso onde dou aulas sobre a linguagem e a necessidade de narrar a vida às crianças pequenas.

Depois de atravessar uma série de conteúdos ligados à relação entre o cuidado amoroso, o desenvolvimento psíquico e a literatura, Irma passou a enxergar um novo sentido em suas experiências, das quais descreveu uma das mais marcantes:

Meu trabalho está mais orientado à recuperação psicossocial de crianças e adolescentes que viveram uma situação adversa, como um desastre ou uma emergência. Há alguns meses estive em uma comunidade guatemalteca deslocada, onde havia muitas mães com bebês. Elas tiveram que sair no meio da noite de sua aldeia, caminhando e carregando seus poucos pertences. Instalaram-se numa espécie de acampamento próximo à fronteira com o México.

Durante o tempo em que estive lá, algumas das mulheres me disseram que já não tinham mais leite para amamentar ou, ainda, que seus pequenos acordavam chorando sem parar, que não queriam comer ou que estavam parando de fazer coisas que já tinham aprendido. Havia muita angústia e tristeza em todas as pessoas, e, claro, também nos pequenos, que a expressavam dessa forma. As mães achavam que isso não era possível e diziam: “são tão pequenos que não percebem”.

Eu sabia que tudo isso era resultado da situação e que aquelas mães precisavam encontrar apoio para que pudessem transmitir segurança aos seus filhos. Propus que formássemos um grupo, que passou a se reunir sob uma árvore. Sentávamos sobre uns troncos e ali compartilhávamos nossas preocupações e sentimentos. Levei uns bonecos de pano macio, alguns contos também. Eu já havia realizado essas mesmas atividades em outras situações difíceis, mas esse caso certamente tinha algo de especial porque 80% do grupo era formado por crianças com menos de três anos.

Pedi às mães que utilizassem os bonecos de pano para contar aos seus bebês as histórias de suas famílias, do seu

povo, de como esperaram por eles. Foi lindo ver como elas falavam com os pequenos, abraçando-os, acariciando-os com suas palavras, com seus gestos. Os pais também foram integrados à "brincadeira", tornando ainda mais significativos esses momentos familiares em meio a tanta desolação e incerteza.

Combinamos que as mães continuariam a realizar essas atividades mesmo quando eu já não estivesse mais lá – e que, quando eu retornasse, elas me contariam como havia sido. Assim foi feito. Quando voltei, soube que algumas haviam conseguido retomar a amamentação, enquanto outras relataram ter aprendido a reconhecer em seus bebês a tristeza, a raiva e a angústia, mas também a felicidade que suas palavras produziam. Depois do curso passei a ver mais sentido em tudo isso!

O “sentido” a que Irma se refere está associado à importância da linguagem e da narrativa na vida psíquica e imaginária. Como vimos nesse relato, a mediação das mães e pais não somente repercute em seus pequenos filhos, mas também neles mesmos. As mães são capazes até de voltar a amamentar: “o leite voltou” porque as palavras voltaram.



MARÍA EMILIA LÓPEZ

Pedagoga argentina, é especialista em Educação Infantil e Literatura Infantil. Como gerente cultural, construiu um amplo campo de trabalho e pesquisa sobre leitura, bibliotecas e treinamento de mediadores. É coautora do Programa de Educação Infantil “Um bom começo”, no México (2017), e de documentos curriculares sobre leitura na educação infantil do Ministério da Educação do Brasil (2016) e do Ministério da Cultura da Colômbia (2013-2014). Publicou, em 2018, o livro *Um mundo aberto: cultura e primeira infância*.

ACESSO A LIVROS e LITERATURA
UM DIREITO HUMANO



ARTICULADA
COM O
TERRITÓRIO

BIBLIOTECA
COMUNITÁRIA



LEVAR a LITERATURA
do Ventre da Mãe
ao BERÇO do Bebê

Será

Direito à Leitura
não é PRIVILÉGIO

A CONTRIBUIÇÃO DAS BIBLIOTECAS COMUNITÁRIAS PARA UM PAÍS DE LEITORES(AS)

BEL SANTOS MAYER

A literatura confirma e nega, propõe e denuncia, apoia e combate, fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas. Por isso é indispensável tanto a literatura sancionada quanto a literatura proscrita; a que os poderes sugerem e a que nasce dos movimentos de negação do estado de coisas predominante.
(CANDIDO, 2004, p.172)

Ao sistematizar práticas desenvolvidas pela Biblioteca Comunitária Caminhos da Leitura e pela rede LiteraSampa, este artigo aponta desafios, necessidades e oportunidades que se apresentam para manter viva a utopia de que o acesso aos livros e à literatura seja amplo e irrestrito, um direito humano garantido para todos e todas. Dado o caráter de cocriação das práticas e reflexões envolvendo a autora e outros(as) gestores(as) e mediadores(as), optou-se pela escrita na terceira pessoa do plural.

Considerando-se o cenário, os desafios parecem gigantes: como falar do direito humano à literatura quando ainda lutamos por direitos elementares como o direito a comer, morar, trabalhar, ir e vir sem ameaças, estudar? Qual o lugar da leitura num país em que apenas 31% da população sabe ler, escrever e contar? Quando apenas 4,5% das escolas do país possuem a infraestrutura prevista no Plano Nacional de Educação¹, o que significa a luta por uma biblioteca em cada escola²?

A pesquisa Retratos da Leitura no Brasil identificou que 80% das pessoas ouvidas nunca frequentaram ou raramente frequentam bibliotecas; 45% desconhecem a existência desses estabelecimentos; e 30% nunca compraram um livro³. Como

levar as bibliotecas ao conhecimento da população para que as famílias passem a reivindicá-las, assim como fazem com creches, escolas e unidades de saúde? Como levar quem não está na educação formal às bibliotecas?

Diante de tantos dados preocupantes, um resultado que poderia passar despercebido é que o número de leitores(as) vem aumentando. No período de 2011 a 2015, a população leitora subiu de 50% para 56%. De fato, vemos crescer os saraus literários, as feiras literárias, as redes de bibliotecas comunitárias. José Castilho Marques Neto, ex-secretário executivo do Plano Nacional do Livro e Leitura (PNLL), atribui o resultado à ação dos diferentes atores que na última década se empenharam

1 Pesquisa realizada pelo movimento Todos pela Educação, a partir do Censo Escolar 2015, com base nos itens determinados no Plano Nacional de Educação, (Lei 13.005, de 25 de junho de 2014).

2 O Brasil tem até 2020 para cumprir a Lei 12.244, de 24 de maio de 2010, que institui a obrigatoriedade de que todas as escolas, públicas ou privadas, tenham biblioteca.

3 Retratos da Leitura no Brasil 2016, Instituto Pró-Livro.

UMA FOTOGRAFIA DA LEITURA

Fonte: Instituto Pró-Livro/Ibope Inteligência, 2016

A pesquisa Retratos da Leitura no Brasil avaliou os hábitos e motivações dos leitores brasileiros — classificação que engloba 56% da população do país, percentual que declarou ter lido pelo menos um livro, inteiro ou em partes, nos três meses anteriores.

Onde costuma ler livros, em papel ou digital

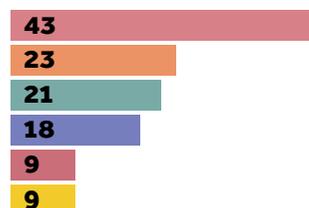
(respostas mais citadas – em %)



■ Casa ■ Sala de aula ■ Bibliotecas
■ Trabalho ■ Meios de transporte

Formas de acesso aos livros

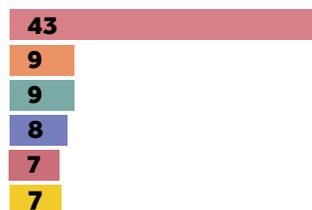
(respostas mais citadas – em %)



■ Comprados ■ Presenteados ■ Emprestados por conhecidos
■ Emprestados de bibliotecas de escolas
■ Distribuídos pelo governo ou escolas ■ Baixados da internet

Por que não leu mais?

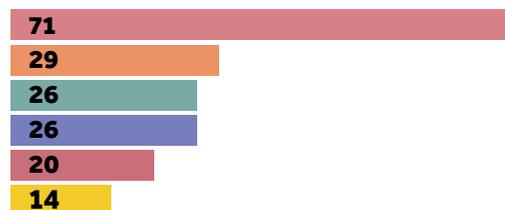
(respostas mais citadas – em %)



■ Falta de tempo ■ Prefere outras atividades
■ Não tem paciência ■ Não há bibliotecas por perto
■ Acha livro caro ■ Sente-se cansado para ler

O que a biblioteca representa

(respostas mais citadas – em %)



■ Um lugar para pesquisar ou estudar ■ Um lugar para emprestar livros
■ Um lugar voltado para estudantes ■ Um lugar voltado para todas as pessoas
■ Um lugar para emprestar livros para trabalhos escolares
■ Um lugar para lazer ou passar o tempo

em disseminar o direito humano à leitura e em construir uma política nacional do livro e da leitura.⁴

NOSSAS ANDANÇAS, OCUPAÇÕES E RESISTÊNCIAS⁵

“Se, na verdade, não estou no mundo para simplesmente a ele me adaptar, mas para transformá-lo; se não é possível mudá-lo sem um certo sonho ou projeto de mundo, devo usar toda possibilidade que tenha para não apenas falar de minha utopia, mas participar de práticas com ela coerentes” (FREIRE, 2011, p. 33).

As bibliotecas comunitárias no Brasil nascem diretamente relacionadas à distribuição desigual dos equipamentos culturais e à ausência do Estado no tratamento das políticas do livro, leitura e bibliotecas. Indivíduos e grupos comunitários de áreas periféricas e rurais privadas de bibliotecas públicas e escolares, apoiados ou não por instituições, escolheram a defesa da democratização do acesso à leitura e à escrita como suas causas.



4 Castilho manifestou-se sobre esses dados em diferentes mesas e debates em que a autora do artigo esteve presente. Ele é autor do anteprojeto da Lei 13.696, sancionada pelo Presidente da República em 13 julho de 2018, que instituiu a Política Nacional da Leitura e Escrita (PNLE), tendo como diretrizes a universalização do acesso ao livro, à leitura, à escrita, à literatura e às bibliotecas; o reconhecimento da leitura e da escrita como um direito; o fortalecimento do Sistema Nacional de Bibliotecas Públicas; a articulação com as demais políticas de estímulo à leitura, ao conhecimento, às tecnologias e ao desenvolvimento educacional, cultural e social do país e o reconhecimento das cadeias criativa, produtiva, distributiva e mediadora do livro, da leitura, da escrita, da literatura e das bibliotecas como integrantes fundamentais e dinamizadoras da economia criativa. (LEONARDO NETO, 2017).

5 Trechos extraídos de Mayer (2017).

Empenharam-se em conhecer autores e autoras que falassem sobre suas existências, em (re)escrever as próprias histórias, dizer o que pensavam e pensam sobre o vivido, "ressuscitar o que parecia sepultado", "gravar o ainda por fazer", "preservar o passado e promover rupturas" (QUEIRÓS, 2007, p. 36).

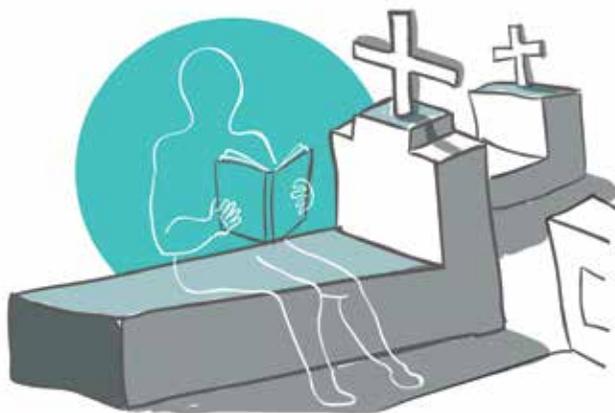
Em diferentes pontos do país, em espaços improvisados nos fundos de associações ou até mesmo no quarto de alguém, com livros doados e dispostos em estantes feitas com materiais descartados, jovens mediadores de leitura, ávidos por serem a ponte entre potenciais leitores(as) e os livros, criaram bibliotecas comunitárias e tiraram da invisibilidade autores e autoras esquecidos pelo cânone literário, como Carolina Maria de Jesus, Maria Firmina dos Reis, Solano Trindade e Oliveira Silveira. As bibliotecas comunitárias vêm se qualificando cada vez mais como centros de combate à exclusão social e propulsores de transformações

individuais e coletivas, configuradas como "espaços para o encontro, para o debate sobre os temas que dizem respeito a maiorias e minorias; bibliotecas onde crianças, jovens e adultos de todas as condições, leitores e não leitores, escolares e não escolares, encontrem respostas a seus problemas e interesses e lhes sejam abertas novas perspectivas" (CASTRILLÓN, 2011, p. 36).

É princípio fundante da biblioteca comunitária a articulação com a comunidade, com "as forças" do território em que está inserida.

**INDIVÍDUOS E GRUPOS
COMUNITÁRIOS DE ÁREAS
PERIFÉRICAS E RURAIS PRIVADAS
DE BIBLIOTECAS PÚBLICAS E
ESCOLARES, APOIADOS OU NÃO
POR INSTITUIÇÕES, ESCOLHERAM
A DEFESA DA DEMOCRATIZAÇÃO
DO ACESSO À LEITURA E À ESCRITA
COMO SUAS CAUSAS.**

Nos últimos anos observa-se, também, uma crescente articulação com outras bibliotecas, constituindo redes, geralmente apoiadas por instituições de fomento à leitura. Merecem destaque a Rede Nacional de Bibliotecas Comunitária (RNBC), (rnbc.org.br), formada por 125 bibliotecas comunitárias organizadas em 11 redes locais e apoiada pelo Programa Prazer em Ler, do Instituto



C&A (PPL/IC&A); a rede de bibliotecas da Expedição Vaga-Lume (vagalum.org.br), com mais de 150 bibliotecas comunitárias na região Norte do país; e as mais de 100 bibliotecas comunitárias criadas pelo projeto Ler-é-Preciso, do Instituto Ecofuturo (ecofuturo.org.br).

O processo de elaboração e efetivação dos Planos municipais e estaduais do livro e da leitura⁶ configurou-se em importante cenário de encontro, diálogo e aproximações (por vezes confronto e distanciamento) entre as várias tipologias de bibliotecas e os atores do universo do livro e da leitura. Com diferentes palavras, reconheceu-se por unanimidade que é preciso um trabalho articulado para garantir-se o direito humano à leitura. É unânime a compreensão de que “a percepção da importância das bibliotecas não surge espontaneamente na

6 Os Planos municipais e estaduais do livro, da leitura e da biblioteca (PMLLB/PELLB, respectivamente) seguem as diretrizes do PNLL e devem, por meio de processo democrático de escuta e debate com os diferentes setores da cadeia criativa, produtiva, distributiva, mediadora do livro, da leitura, da escrita, da literatura e das bibliotecas, planificar as ações para disseminar o acesso ao livro, à leitura e às bibliotecas.

população", sendo necessário um trabalho de décadas de conscientização e de investimento público (LINDOSO, 2004, p. 137). O saldo positivo desse processo é o reconhecimento da existência e importância mútua, o perceber que as bibliotecas são complementares e não concorrentes, e que todas devem estar previstas no orçamento público, por desenvolverem uma ação de interesse público.

PELA (TRANS)FORMAÇÃO DE LEITORES(AS)

"[...] a literatura corresponde a uma necessidade universal que deve ser satisfeita sob a pena de mutilar a personalidade, porque pelo fato de dar forma aos sentimentos e à visão do mundo ela nos organiza, nos liberta do caos e,

portanto, nos humaniza".
(CANDIDO, 1989, p. 122)

Relataremos algumas estratégias que a Biblioteca Comunitária Caminhos da Leitura, a "Biblioteca do Cemitério", localizada em Parelheiros, extremo sul da cidade de São Paulo, vem desenvolvendo desde 2009 para transformar uma região declarada rural, com baixos indicadores de desenvolvimento social, numa "comunidade leitora"⁷:

a) Promover encontros com livros, histórias e autores(as): Os(as) jovens mediadores(as) participam ativamente do desenvolvimento do acervo da biblioteca, por meio da análise de catálogo de livrarias, leitura de jornais literários, conversas com jornalistas, bate-papos com autores(as).

7 Em 2008, a região de Parelheiros ocupava o último lugar nos rankings de avaliação das condições de vida nas 31 subprefeituras da cidade de São Paulo. A biblioteca foi criada no ano seguinte, com um grupo de adolescentes mobilizados pelo Instituto Brasileiro de Estudos e Apoio Comunitário (Ibeac), com apoio do Programa Prazer em Ler do Instituto C&A (PPL/IC&A). O projeto, denominado inicialmente "Pílulas de Leitura", localizava-se em uma unidade básica de saúde, mas a ampliação dos serviços da unidade impôs a busca de um novo local: a biblioteca passou a ocupar a casa do coveiro do Cemitério de Colônia. Para saber mais sobre esta história, acesse a matéria "Biblioteca vira espaço de leitura em São Paulo", de Priscila Mengue, no jornal *O Estado de São Paulo*, de 17 de abril de 2017. Mais informações sobre a Biblioteca Comunitária: www.ibeac.org.br.

b) Reconhecer o pertencimento

a uma família literária: Para ampliar os critérios de escolha do acervo e a construção da programação da biblioteca, os mediadores(as) participam de eventos literários – criando, para isso, estratégias de autonomia, como financiamento coletivo. Alguns realizaram as primeiras viagens de suas vidas, para encontros com membros de uma “comunidade literária” à qual se sentem pertencentes.

c) Levar a literatura do ventre da mãe ao berço do(a) bebê:

Os jovens mediadores(as) da biblioteca reconhecem que não gostavam muito de ler e não sabiam exatamente como se tornar leitores(as). Uma das ações desenvolvidas desde o início foi a mediação de leitura em creches e escolas. Com esse desejo, todo o grupo participa de cursos sobre literatura na primeira infância, como os promovidos pelo Instituto Emília⁸ e pelo programa Nascidos Para Ler (NPL)⁹. Os conhecimentos



⁸ Organização não governamental (ONG) que é um desdobramento da Revista Emília, no ar desde setembro de 2011, com o compromisso de contribuir para a democratização das práticas de leitura. Para saber mais, acesse revistaemilia.com.br/instituto-emilia.

⁹ O projeto “Nascidos para Ler” foi trazido da Itália para o Brasil em meados de 2015, por meio da iniciativa privada. É um projeto pioneiro que visa incentivar as mães e pais a lerem para seus filhos a partir do primeiro ano de vida. Estudos em países nos quais o projeto está em curso há mais de 20 anos comprovam que a leitura em voz alta, ao menos quatro vezes por semana, desencadeia transformações importantes no cérebro infantil, fazendo com que a criança adquira competências e habilidades necessárias para o seu pleno desenvolvimento.

são espalhados em grupos de WhatsApp, nas portas das casas, em postes de luz e muros, levados para os encontros com gestantes pelas "Mães Mobilizadoras"¹⁰, que sinalizam com uma bandeira de tecido as casas onde há gestantes ou puérperas e bebês. Há o desejo de que seja doado, para cada recém-nascido, um livro acompanhado de uma carta de boas-vindas à "família literária" de Parelheiros. Por enquanto, são entregues uma muda de planta da região, um livro em empréstimo e um marcador de páginas contendo endereços de espaços comunitários de leitura.

d) Ter livros em todos os lugares:

Cientes de que leitores(as) se formam com livros, defendemos

a necessidade de que as pessoas sejam expostas a eles em locais públicos. É primordial haver livros no caminho das pessoas. Menos livrarias em shopping centers e mais bibliotecas nas ruas, com arquitetura e entradas convidativas, que, em vez de catracas, tenham janelas abertas para as ruas. É imprescindível que pequenos eventos literários (festa e feiras literárias, saraus, *slam*¹¹ etc.) tenham apoio público e não apenas privado, para que continuem a se multiplicar, descentralizar ou "periferizar". Dentre nossas iniciativas em Parelheiros estão as algibeiras de livros espalhadas pelos bairros (no comércio local, em espaços públicos, instituições sociais); o Cortejo de Leitura, que leva músicas e poesia para as ruas; o Sarau Mulher Negra

10 As Mães Mobilizadoras fazem parte do time do Centro de Excelência em Primeira Infância. Trata-se de um grupo mulheres de diferentes idades que acompanham gestantes, mães e bebês. A premissa é de que, se por um lado o local em que uma criança nasce não determina seu futuro, por outro, nascer entre livros e cuidados aumentam as chances desta criança tornar-se leitora e cidadã.

11 *Slam* é uma batalha de poesia, com origem nos Estados Unidos, hoje presente em território brasileiro e com grande expressão na cidade de São Paulo. Os(as) poetas (*slammers*) se apresentam em tempo determinado e são julgados(as) por membros selecionados da plateia ou por uma comissão de jurados.

Presente, sobre a vida e a escrita de mulheres negras; e o Sarau do Terror, com literatura sobre morte, terror e medo¹².

e) Ler junto, promover compartilhamentos em rodas de leitura:

Temos insistido na "reinvenção da roda". As rodas de conversa sobre livros e leituras são espaços de compartilhamento. Cada um(a) conta de forma espontânea o que foi despertado pela obra escolhida. Não há julgamentos;

[...] NÃO NOS FALTAM MOTIVOS PARA LER E JUSTIFICATIVAS QUANTO AOS BENEFÍCIOS PROPORCIONADOS PELA LEITURA. A QUESTÃO É COMO FAZER PARA QUE O ACESSO À LEITURA SEJA UM DIREITO GARANTIDO E NÃO UM PRIVILÉGIO.

há troca. O resultado: satisfação, vontade de repetir, agendamento do próximo encontro. Temos visto os clubes de leitura multiplicarem-se: há os que estão focados em literatura escrita por mulheres (Leia Mulheres), em literatura escrita por negros(as) (Quilomboletras – Clube Negro de Leitores), em literatura do Enem (Quilombo Mirim).

f) Participar da Política do Livro, Leitura e Bibliotecas:

os planos do livro, leitura e bibliotecas (nacional, estaduais e municipais) são resultado da escuta pública e dos esforços daqueles(as) que reconhecem que, para que nos tornemos um país de leitores(as), é necessária uma política planejada, com orçamento que contemple recursos para manutenção de espaços, aquisição de acervo, contratação de profissionais das diferentes modalidades de bibliotecas (públicas,

¹² Realizado na Biblioteca Comunitária Caminhos da Leitura, em Parelheiros, anualmente, desde 2010. Há várias matérias e reportagens na mídia sobre esse evento promovido pelos jovens.

escolares, comunitárias). É lamentável ler notícias de bibliotecas sendo fechadas ou tendo seus horários de funcionamento reduzidos para conter despesas, como reflexo do baixo interesse dos gestores públicos e do desconhecimento/indiferença por parte da sociedade.

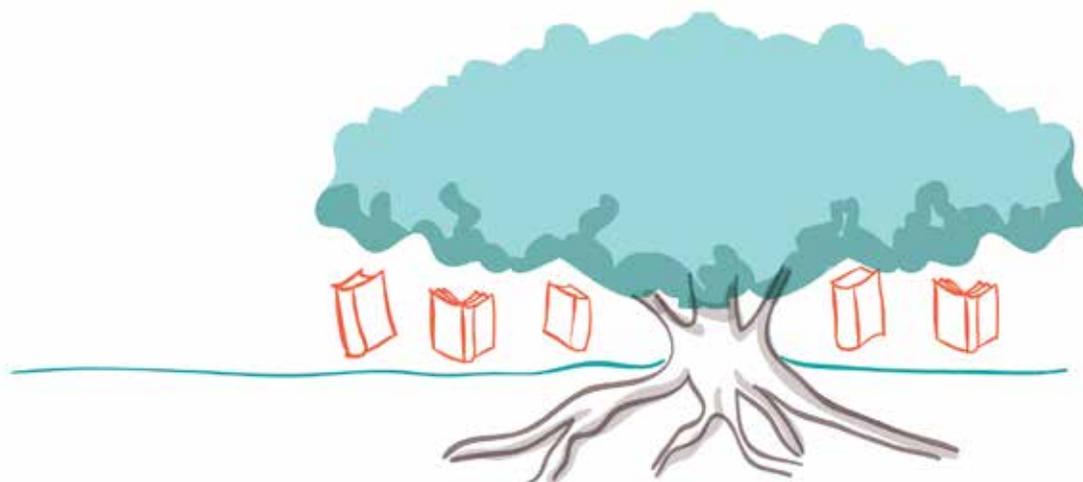
ALGUMAS PERGUNTAS PARA NÃO CONCLUIR

Para não concluir este texto, queremos finalizar com palavras da autora Lucília Garcez, e algumas perguntas:

“Lemos para aprender, para nos informar, para saber de onde viemos e para onde vamos, para saber quem somos, para escapar da solidão, para conhecer melhor os outros, para conservar a memória do passado, para esclarecer nosso presente, para aproveitar as experiências anteriores, para não repetir os erros dos nossos ancestrais, lemos para ganhar tempo, para nos evadirmos, para buscar um sentido para a vida, para nos distrairmos, para

vivenciar emoções alheias ao nosso cotidiano, para usufruir um prazer estético com a linguagem [...] para participarmos de uma corrente de construção e circulação de sentidos e interpretações do mundo pela palavra que atravessa os milênios e dá sentido à vida humana”. (GARCEZ, 2000, p. 582)

Portanto, não nos faltam motivos para ler e justificativas quanto aos benefícios proporcionados pela leitura. A questão é como fazer para que o acesso à leitura seja um direito garantido e não um privilégio. Como podemos formar leitores sustentáveis, capazes de ler as palavras e seu ambiente, conscientes de que estamos aqui como guardiões de uma memória e de uma história? Como as bibliotecas podem contribuir para o desenho e a escrita do mundo que nossos tataranetos vão habitar? Qual será o legado de nossas bibliotecas para uma país de leitores(as)? De que forma reinventaremos as rodas para conversar, ler, escrever, trocar?



Defenderemos o direito a ler livros ameaçados de proibição? Haverá espaço em nossas bibliotecas para a discussão de temas considerados "proibidos"¹³? Assistiremos em silêncio ao fechamento dos espaços de leitura? De que forma contribuiremos para que pequenas editoras e autores periféricos cheguem aos extremos e ao centro das cidades?

Todas essas perguntas precisam ser respondidas de forma coletiva. Isolados, a morte nos espera. Morte de projetos e, especialmente, dos sonhos que nos levaram a existir, a escolher habitar os livros, a (trans) formar "comunidades não letradas" em "comunidades leitoras". A resistência coletiva é condição para nossa existência no universo da leitura. É (re)existência literária.

13 Projetos de lei que proíbem o estudo de temáticas relacionadas aos Direitos Humanos nas escolas públicas – como o "Escola Sem Partido" (PL 7.180, de 2014), em discussão desde 2014 – foram ressuscitados.

MULTIPLICADORAS DE CONHECIMENTO

Saiba mais sobre as redes de bibliotecas comunitárias citadas no texto

Rede Nacional de Bibliotecas Comunitárias (RNBC)

www.rnbc.org.br

As bibliotecas comunitárias integrantes da RNBC passaram a atuar em rede a partir de 2009, dentro de uma ação de apoio e incentivo à leitura – o Programa Prazer em Ler, do Instituto C&A. A RNBC conta atualmente com 10 redes locais e cerca de 100 bibliotecas comunitárias em nove estados das regiões Nordeste, Sudeste e Sul.

Expedição Vagalume

www.vagalume.org.br

Em 2001, três amigas partiram para uma expedição à Amazônia com o projeto de levar livros e formar mediadores de leitura por onde passassem. Depois de um bem-sucedido projeto-piloto no Pará, elas replicaram a experiência em 53 comunidades rurais da região. Quando voltaram a São Paulo, decidiram tornar o projeto permanente.

Projeto Biblioteca Comunitária Ecofuturo

www.ecofuturo.org.br

Realizado desde 1999 com o objetivo de contribuir para a implantação e qualificação das políticas públicas de leitura e de biblioteca, democratizando o acesso ao livro, já resultou na criação de mais de 110 bibliotecas comunitárias em 60 municípios parceiros de 12 estados, com acervo total de 140 mil livros e 660 mil pessoas atendidas por ano.



BEL SANTOS MAYER

Educadora social, desde a década de 1990 apoia a criação de Bibliotecas Comunitárias em áreas periféricas da cidade de São Paulo. Graduada em Ciências/Matemática e bacharel em Turismo, tem especialização em Pedagogia Social e atualmente é mestranda do Programa de Pós-Graduação em Turismo da Universidade de São Paulo (USP). Docente na Pós-graduação “Literatura para Crianças e Jovens” do Instituto Vera Cruz, é coordenadora do Instituto Brasileiro de Estudos e Apoio Comunitário (Ibeac), gestora da Biblioteca Comunitária Caminhos da Leitura e cogestora da Rede de Bibliotecas Comunitárias LiteraSampa/RNBC.

BIBLIOGRAFIA

DIÁLOGOS SOBRE "MEDIAÇÃO: CULTURA, LEITURA E TERRITÓRIO"

MARILENA NAKANO

CARLOS, Ana Fani Alessandri. *Espaço urbano*. São Paulo: Labur, 2007.

FERRÉZ. *Capão pecado*. São Paulo: Planeta, 2000.

FURTADO, Mailson. *À cidade*. Aldeota: Expressão Gráfica, 2017.

HUGO, Vitor. *Os miseráveis*. Lisboa: Europa América, 1984.

MAGNAGHI, Alberto. *Le projet local*. Bruxelles: Pierre Mardaga, 2003.

MORAES, Odilon. *Rosa*. Curitiba: Olho de Vidro, 2017.

RAMOS, Graciliano. *Memórias do cárcere*. Rio de Janeiro: Record, 1953.

SOUZA, Herbert José de. *Construir a utopia*. Rio de Janeiro: Vozes: Ibase, 1987.

A LEITURA E A LITERATURA COMO DIREITOS E PRINCÍPIOS DE CIDADANIA

ELIANA YUNES

CANDIDO, Antonio. *O direito à literatura*. São Paulo: Duas Cidades, 1995.

FISH, Stanley. *Is there a text in this class?* Cambridge, MA: Harvard University Press, 1982.

HABERMAS, Jürgen. *O agir comunicativo*. Rio de Janeiro: WMF Martins Fontes, 2012.

JAUSS, Hans Robert. *A história da literatura como provocação à teoria literária*. São Paulo: Ática, 1994.

MAUSS, Marcel. *Ensaio sobre a dádiva*. São Paulo: Cosac Naify, 2013.

NUSSBAUM, Martha. *Sem fins lucrativos: porque a democracia precisa das humanidades*. São Paulo: Martins Fontes, 2015.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *S. Pela mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade*. Porto: Afrontamento, 1999.

BIBLIOGRAFIA

MEDIAÇÃO E FORMAÇÃO DE LEITORES

MARÍA EMILIA LÓPEZ

CALVINO, Italo. *Seis propuestas para el próximo milenio*. Madri: Siruela, 1997.

LARROSA, Jorge. Herido de realidad y en busca de realidad. Notas sobre los lenguajes de la experiencia. In: DOMINGO, José Contreras; FERRÉ, Núria Pérez de Lara (orgs.). *Investigar la experiencia educativa*. Madrid: Morata, 2010.

MORIN, Edgar. *Introducción al pensamiento complejo*. Barcelona: Gedisa, 2000.

MORIN, Edgar. *Amor, poesía, sabiduría*. Barcelona: Seix Barral, 2001.

PELBART, Peter Pál. *Filosofía de la deserción: Nihilismo, locura y comunidad*. Buenos Aires: Tinta Limón, 2009.

RANCIÈRE, Jacques. *El espectador emancipado*. Vilaboa: Ellago, 2010.

ZAMBRANO, María. *Claros do bosque*. Barcelona: Seix Barral, 1986.

A CONTRIBUIÇÃO DAS BIBLIOTECAS COMUNITÁRIAS PARA UM PAÍS DE LEITORES(AS)

BEL SANTOS MAYER

CANDIDO, Antonio. Direitos Humanos e literatura. In: FESTER, Antonio Carlos Ribeiro (org.). *Direitos humanos e....* São Paulo: Brasiliense, 1989.

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: CANDIDO, Antonio. *Vários Escritos*. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul; São Paulo: Duas Cidades, 2004.

CASTRILLÓN, Silvia. *O direito de ler e de escrever*. São Paulo: Pulo do Gato, 2011.

FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler: em três artigos que se completam*. São Paulo: Cortez, 2011.

GARCEZ, Lucília. A leitura na vida contemporânea. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, Brasília, DF, v. 81, n. 199, p. 581-587, set./dez. 2000.

LINDOSO, Felipe. *O Brasil pode ser um país de leitores?: Política para a cultura/política para o livro*. São Paulo: Summus, 2004.

MACHADO, Elisa Campos. *Bibliotecas comunitárias como prática social no Brasil*. 2008. 184f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

MAYER, Bel Santos. Bibliotecas comunitárias: resistência cultural, poética e política. *Blog das Letrinhas*, São Paulo, 14 set. 2017. Disponível em: <https://bit.ly/2ux33FF>. Acesso em: 30 set. 2017.

NETO, Leonardo. “Lei Castilho” vence sua primeira batalha na Câmara. *Publishnews*, São Paulo, 10 jul. 2017. Disponível em: <https://bit.ly/2JNkLPL>. Acesso em: 28 mar. 2019.

QUEIRÓS, Bartolomeu C. *Para ler em silêncio*. São Paulo: Moderna, 2007.

GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO

João Doria

Governador do Estado

Sérgio Sá Leitão

Secretário de Cultura e Economia Criativa do Estado de São Paulo

Christiano Lima Braga

Coordenador da Unidade de Difusão Cultural, Bibliotecas e Leitura

SP LEITURAS

ASSOCIAÇÃO PAULISTA DE BIBLIOTECAS E LEITURA

Conselho de administração

Marino Lobello – Presidente

Arnaldo Spindel – Vice-presidente

Carlos Wendel Magalhães

Dennis Aurélio Giacometti

Flávio Mendes Bitelman

Genésio Manoel e Silva

Marisa Barros de Moura

Ricardo Ramos Filho

Valéria Martin Valls

Conselho fiscal

José Pereira da Silva

Ricardo Natal da Silva

Diretor executivo

Pierre André Ruprecht

Diretor administrativo-financeiro

Miguel Martin Gutierrez Filho

Superintendente de biblioteca

Sueli Marcondes Motta

Superintendente de programas e projetos

Marcos Kirst

Gerentes de programação e produção

Genésio Manoel e Silva

Priscila Ynoue

Gerente de comunicação

Acácia Dourado

Gerente administrativo-financeiro

Silmara Novo

Gerente de TI

Marcos Coelho

Gerente de infraestrutura

João Conde

